

Danifo Ismael Chutumiá

2º Ciclo de Estudos em Linguística

**AS INTERROGATIVAS-Q DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE: CONTRIBUIÇÃO
PARA UMA ANÁLISE COMPARATIVA COM O PORTUGUÊS EUROPEU E O
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

2013

Orientadora: Professora Doutora Ana Maria Brito

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/ Projeto/IPP:

À minha mãe

Amilaty

AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento é a Allah (S.T), pela proteção, pela oportunidade de viver com saúde, reunindo forças retiradas, quem sabe de onde, para que eu pudesse enfrentar todos os obstáculos nesta caminhada.

Agradeço especialmente à minha orientadora, a Professora Doutora Ana Maria Brito, por toda a dedicação, compreensão e amizade patenteadas, pelos desafios cada vez mais complexos que me foi colocando na realização deste trabalho e pelo estímulo e exigência crescente que me foi impondo à medida que caminhávamos para a sua conclusão.

Aos meus professores do Mestrado em Linguística, nomeadamente os Professores Doutores Fátima Oliveira, João Veloso, Fátima Silva, Graça Pinto, Clara Barros.

Um agradecimento especial à Professora Doutora Fernanda Martins pela ajuda na descrição dos dados apresentados na tese.

À Universidade Pedagógica Sagrada Família pela oportunidade de frequentar o mestrado no Porto. Agradeço igualmente ao Dr. Alberto Mathe por aplicar os inquéritos aos estudantes desta universidade.

Aos meus pais, Bilal Ismael Chutumiá e Amélia Otília dos Anjos por acreditarem em mim, meus mestres para a vida.

Aos meus tios Akbar Sayaad e Najma Sayaad, que, apesar das suas vidas complexas, receberam-me gentilmente e prestaram um contributo fundamental nesta minha estadia em Portugal.

À Maria Gonzalez Vivo pela compreensão, paciência e cumplicidade.

Aos meus colegas e amigos, especialmente o Cristóvão Felisberto Seneta e o Fabiano Simas, pelas oportunas manifestações de companheirismo e de encorajamento.

A todos os que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste trabalho, o meu “*Kanimambo*”.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
ÍNDICE DE QUADROS	ix
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I O “WH MOVEMENT” NA LITERATURA FUNDAMENTAL: DA TEORIA DA REGÊNCIA E LIGAÇÃO AO PROGRAMA MINIMALISTA	14
1.1. Introdução	15
1.2. Bach (1968), Baker (1970) Bresnan (1970) e os primeiros autores em Sintaxe Generativa	15
1.3. Chomsky (1981), (1982) e (1986).....	18
1.4. Huang (1982): O Parâmetro do Movimento-WH	25
1.5. Rizzi (1996): The WH Criterion	26
1.6. Rizzi (1997) e (2004): The Left Periphery of the Clause.....	29
1.7. Chomsky (1995) e Cheng & Rooryck (2000): breve abordagem do movimento Q no programa minimalista	33
1.8. Síntese do Capítulo	36
CAPÍTULO II PE E PB: PROPRIEDADES FUNDAMENTAIS DAS INTERROGATIVAS PARCIAIS E ALGUNS TRATAMENTOS	37
2.1. Introdução	38
2.2. As interrogativas parciais na Gramática Tradicional	38
2.3. Interrogativas-Q no Português Europeu e no Português Brasileiro	40
2.3.1. Interrogativas-Q no Português Europeu.....	41
2.3.1.1. O movimento-Q e a alteração da ordem de palavras.....	41
2.3.1.2. A sequência “é que” e a inversão sujeito-verbo	44
2.3.1.3. Interrogativas-Q sem movimento Q – Q <i>in situ</i>	45
2.3.2. Interrogativas-Q no Português Brasileiro.....	47

2.3.2.1. Com movimento Q para Esp de SCOMP/CP e com movimento do V para COMP.....	47
2.3.2.2. Sem V+I para C e com/sem <i>é que</i>	48
2.3.2.3. O fenómeno <i>in situ</i> no PB.....	50
2.4. Síntese do Capítulo	54
CAPÍTULO III AS INTERROGATIVAS PARCIAIS DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	56
3.1. Introdução	57
3.2. Enquadramento socio-histórico e a Gramática do Português de Moçambique	57
3.3. Aquisição e aprendizagem da língua portuguesa: O Português no contexto das línguas maternas em Moçambique	59
3.4. Questões metodológicas e recolha de dados	62
3.4.1. A natureza dos dados	62
3.4.1.1. O <i>Corpus</i> escrito.....	63
3.4.2. Tratamento dos dados escritos	66
3.5. As interrogativas Q do PM: uma abordagem sintática.....	67
3.5.1. As interrogativas Q encontradas no <i>corpus</i> PM.....	69
3.5.2. O movimento Q, o movimento do verbo e a ordem SU-V no PM.....	70
3.5.2.1. A sequência " <i>é que</i> " nas interrogativas Q do PM.....	72
3.5.2.2. A sequência " <i>Q+que</i> " nas interrogativas Q do PM.....	72
3.5.3. As interrogativas Q <i>in situ</i> no PM.....	74
3.5.4. O morfema Q na posição média: movimento parcial de Q?	81
3.6. Síntese do Capítulo	85
CONCLUSÕES	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
ANEXOS	95

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a sintaxe das interrogativas Q no Português de Moçambique comparando-as com as do Português Europeu e do Português Brasileiro, pois os estudos de natureza comparativa contribuem para um maior conhecimento do PM e conseqüentemente para a fixação da respectiva norma.

Para o efeito, servi-me de um *corpus* escrito que resultou da aplicação de dois testes distintos a 87 estudantes dos cursos propedêuticos da Universidade Pedagógica Sagrada Família: (i) uma tarefa de produção provocada, em que os falantes tinham que elaborar uma ou duas perguntas para cada situação apresentada; (ii) uma tarefa de juízos de gramaticalidade. Nalguns casos recorri à minha competência linguística enquanto falante do Português de Moçambique.

Os dados analisados parecem sugerir que existem algumas semelhanças nas propriedades das interrogativas Q destas três variedades do Português: por exemplo, os falantes do PM têm preferência por interrogativas com movimento Q para posição inicial, como no PE, e ainda por interrogativas com movimento Q mas sem inversão sujeito-verbo e interrogativas com o «COMP duplamente preenchido», como as do PB. Apesar destas semelhanças, no PM ocorrem interrogativas com o constituinte Q numa posição intermédia, que nos parece ser um caso particular desta variedade, revelando uma mudança inovadora relativamente às outras duas variedades do Português.

A análise permitiu elaborar uma hipótese unificadora das interrogativas *in situ* e das interrogativas com movimento Q para uma posição intermédia no PM, segundo a qual o constituinte Q, embora não esteja na mesma posição nos dois tipos de interrogativa Q, é legitimado por um operador de concordância à distância, C [+int].

Palavras-chave: *interrogativas Q; Português de Moçambique; movimento Q.*

ABSTRACT

The aim of this study is to analyse the syntax of the wh-interrogatives on the Mozambican Portuguese (MP), comparing them with those of European Portuguese (EP) and Brazilian Portuguese (BP). It is my understanding that comparative studies contribute to a better comprehension of MP and, consequently, to the setting of the respective standard.

In order to achieve that, I've used a body of writing which resulted from the application of two distinct tests to 87 students of Universidade Pedagógica Sagrada Família's propaedeutic courses: (i) a generated exercise of production in which the speakers had to engender one or two questions for which situation; (ii) an exercise on grammaticality judgements. In some cases I've resorted to my linguistic competence as speaker of MP.

The analysed data seems to suggest that there are a few similarities in the wh-interrogatives' attributes on the three varieties of Portuguese: for instance, the speakers of MP have a preference for interrogatives with wh-movement (*movimento Q*) to the initial position, as in the EP, and also for interrogatives with wh-movement but without subject-verb inversion, and for interrogatives with doubly filled COMP filter (*COMP duplamente preenchido*), as those of the BP. Notwithstanding these similarities, there are in MP interrogatives with the wh-constituent on an intermediate position, which seems to be a particularity of the MP, revealing an innovative change in relation to the other two standards of the Portuguese language.

The analysis enabled the establishment of a unifying hypothesis for *in situ* interrogatives and for interrogatives with wh-movement to an intermediate position in the MP, according to which the wh-constituent, although it is not in the same position on the two types of wh-interrogatives, is checked by an long distance agreement by C [+int].

Key-words: *wh-interrogatives; Mozambican Portuguese; wh-movement.*

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PM – Português de Moçambique

PE – Português europeu

PB – Português brasileiro

LP – Língua portuguesa

LB – Língua Bantu

L1 – Língua 1 ou Língua materna

L2 – Língua 2

LE – Língua estrangeira

CP – Complementizer Phrase

SCOMP – Sintagma Complementador

COMP – Complementador

C – Complementizer

ESP – Especificador

SU – Sujeito

V – Verbo

SADV – Sintagma Adverbial

WH – Q (wh question)

OD – Objeto direto

UniSaF – Universidade Sagrada Família

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1. Distribuição percentual da população por língua materna.....	58
QUADRO 2: Variável Independente: números e percentagens.....	63
QUADRO 3. Resultados da tarefa de juízo de gramaticalidade (%)	67

INTRODUÇÃO

“A variedade moçambicana do Português está a emergir num contexto multilingue, onde a maior parte das línguas maternas (L1) dos falantes pertencem à família bantu” (Gonçalves, 2010:13). Apesar disto, o Português de Moçambique é oficialmente regulado pela norma europeia adaptada à realidade deste país.

O Português falado em Moçambique possui uma variabilidade de regras e traços gramaticais específicos da sua gramática, maior do que aquela que se verifica em línguas adquiridas como L1, pois muitos locutores têm «competências múltiplas¹», sendo o seu discurso gerado por traços e regras não só do PE como da «nova» gramática. Neste contexto, são necessários estudos sobre as especificidades desta variedade africana do Português.

A presente dissertação tem por objetivo fazer uma abordagem sintática das interrogativas Q no Português de Moçambique (PM), comparando-as com as interrogativas do Português europeu (PE) e do Português brasileiro (PB).

Serão analisadas a produção e a compreensão de quatro tipos de interrogativas Q extraídas de um *corpus* escrito elaborado a partir de uma tarefa de produção provocada e de juízos de gramaticalidade dos estudantes de cursos propedêuticos universitários da UniSaF: (i) as interrogativas com movimento Q para posição inicial, com ou sem alteração da ordem de palavras (cf. (1)); as interrogativas sem movimento Q, as chamadas *Q in situ*, com duas interpretações (cf. (2)); as interrogativas com «COMP duplamente preenchido» (cf. (3)) e as interrogativas com o Q numa posição intermédia (cf. (4)).

- (1) a. *Onde* esteve o João na noite passada?
b. *Onde* o João esteve na noite passada?
- (2) a. Os miúdos fizeram *o quê?* (interrogativa verdadeira)
b. Os miúdos fizeram *o quê?* (interrogativa-eco)
- (3) *Quem que* chegou?
- (4) Fizeram *o quê* os miúdos?

¹ Termo usado por Lightfoot, retomado em Gonçalves (2010).

Neste estudo as questões ligadas à prosódia das interrogativas terão um lugar secundário. Este facto prende-se com o facto de os nossos dados, que na sua quase totalidade são resultado de aplicação de inquéritos, não nos permitirem perceber as diferenças entoacionais entre as interrogativas².

A pertinência e escolha deste tema advêm de dois fatores fundamentais. Em primeiro lugar, por razões de investigação linguística, pois há escassez ou quase inexistência de estudos sistematizados sobre construções interrogativas no Português falado em Moçambique. Em Santos (2009) apresentam-se dados sobre a sintaxe das interrogativas parciais do Português falado em Maputo, alguns dos quais são retomados e analisados do ponto de vista sintático na nossa dissertação, como é o caso dos dois tipos de *in situ* e das interrogativas com Q na posição intermédia. Em segundo lugar, os estudos efetuados para as variantes PE e PB têm mostrado que existe uma diferença entre a produção de interrogativas nestas duas variantes, sobretudo no que tange às *in situ*, alteração na ordem de palavras e ocorrência de «COMP duplamente preenchido».

Deste modo, uma vez que, nas palavras de Gonçalves (1999), “o Português de Moçambique vem sofrendo mudanças paramétricas ao longo dos anos”, uma análise comparativa deste fenómeno, descrito para o PE e o PB, relativamente ao PM constitui um bom domínio de estudo.

O objetivo deste trabalho é analisar a produção e compreensão de interrogativas Q em PM numa perspetiva comparada com o PE e PB, tentando responder às seguintes questões:

- (i) como atua o movimento Q nesta variedade do Português e para que posições são movidos os morfemas-Q?
- (ii) é a inversão sujeito-verbo obrigatória ou opcional?
- (iii) ocorrem ou não no PM interrogativas com «COMP duplamente preenchido»?
- (iv) são as interrogativas-Q *in situ* uma mera opção relativamente às de constituinte movido ou a sua interpretação difere?

² Quando invocar diferenças de entoação usarei a minha própria prosódia, enquanto falante do Português de Moçambique.

De modo a responder às questões que se colocam, foram elaborados dois inquéritos, um com tarefa de produção provocada, em que os estudantes deviam elaborar possíveis perguntas para as situações apresentadas e outro com tarefa de juízo de gramaticalidade. Os resultados mostram não só semelhanças relativamente às interrogativas Q das outras variedades comparadas (PE e PB), como também assimetrias que revelam uma gramática inovadora relativamente às interrogativas do Português de Moçambique, caracterizada em particular pela possibilidade de interrogativas com o constituinte Q numa posição intermédia.

O trabalho está organizado em três capítulos, seguido de conclusões, referências bibliográficas e anexos.

O capítulo 1 corresponde a um enquadramento teórico, composto por um percurso histórico acerca do tratamento do movimento Wh/Q, desde a Teoria da Regência e da Ligação até ao Programa Minimalista. Neste capítulo são descritos, em primeiro lugar, as interrogativas Q na visão dos primeiros autores da Sintaxe Generativa, onde se destacam Bach (1968), Baker (1970) e Bresnan (1970). A seguir, discute-se as duas grandes perspetivas de abordagem da Periferia Esquerda das interrogativas-Q; uma feita por Chomsky, que se subdivide em dois momentos: em (1981), o movimento Q por adjunção e, posteriormente, em (1982), o movimento Q para Esp de COMP; e outra, a abordagem cartográfica de Rizzi (1997, 2004), que propõe que o SCOMP (CP) possui diferentes núcleos funcionais e as suas projeções. E, por fim, faz-se uma breve abordagem do movimento Q à luz do Programa Minimalista, destacando Chomsky (1995) e Cheng & Rooryck (2000).

No capítulo 2 apresenta-se uma análise das interrogativas Q no PE e no PB, a partir de várias abordagens de linguistas portugueses e brasileiros sobre estas interrogativas nas duas variedades do Português.

O terceiro e último capítulo, reservado à descrição e análise de dados, começa por apresentar o enquadramento socio-histórico do Português de Moçambique e abordar o contexto de aquisição e aprendizagem do Português em Moçambique, tendo em conta que este é L2 da maioria dos falantes. Seguidamente, procede-se à apresentação das questões metodológicas que envolveram a recolha de dados.

Em seguida faz-se uma abordagem sintática dos dados, analisando os diferentes tipos de interrogativas Q em PM, comparando-os com as do PE e PB.

Finalmente, esta dissertação inclui as conclusões gerais da pesquisa, as referências bibliográficas e os anexos.

CAPÍTULO I

O “WH MOVEMENT” NA LITERATURA FUNDAMENTAL: DA TEORIA DA REGÊNCIA E LIGAÇÃO AO PROGRAMA MINIMALISTA

1.1. Introdução

Desde o início dos seus estudos, a Linguística vem-se preocupando com a variação sintática encontrada nas línguas naturais. Entre os vários aspetos passíveis de serem analisados à luz das teorias sintáticas, o presente estudo discute o movimento *wh* nas interrogativas parciais, que constitui um aspeto relevante para o estudo da estrutura sintática das línguas naturais.

No presente capítulo examinamos a evolução das análises do movimento *wh* ao longo de algumas décadas, destacando-se os trabalhos de Bach (1968), Baker (1970), Bresnan (1970), Chomsky (1981, 1982 e 1986), Huang (1982), Rizzi (1996, 1997, 2001 e 2004); Chomsky (1995) e Cheng & Rooryck (2000).

1.2. Bach (1968), Baker (1970) Bresnan (1970) e os primeiros autores em Sintaxe Generativa

Em Sintaxe, as primeiras observações realmente interessantes sobre o comportamento das interrogativas-*wh* foram feitas por Greenberg (1966). Segundo este autor, há uma correlação entre a construção de interrogativas-*wh* ou parciais e a ordem dos constituintes maiores (SU e V) das línguas. Assim, considera que línguas SVO caracterizam-se pelo movimento do sintagma interrogativo-*wh* para o início de frase, e as línguas SOV não compartilham desta característica.

Baseando-se nas ideias de Greenberg, Baker (1970), estudando este fenómeno sob a égide da Sintaxe Generativa, assume que somente línguas com partículas interrogativas no início de frase movem os seus sintagmas interrogativos-*wh*; propõe ainda que tais interrogativas têm na sua estrutura profunda um constituinte abstrato «Q» («question»), que marca a estrutura profunda de qualquer interrogativa, atraindo os morfemas *wh*, no caso do Inglês pela regra de «*wh* Movement» (*apud* Brito, 1991:56). Para derivar as interrogativas, Baker apresenta duas regras:

- (5) a. Uma regra de inserção do traço (+*wh*) num determinante ou num SN que contivesse o traço (-DEF) sendo a F encabeçada pelo constituinte Q;

b. Uma regra de movimento do sintagma marcado (+*wh*) (-DEF)

Baker (1970) foi, provavelmente, o primeiro sintaticista a notar que os morfemas-*wh* em japonês podem ocupar posições *in situ*. Além disso, notou que o Japonês dispõe de um marcador final de interrogação:

(6) a. Jun-wa nani-o katta -ka?

João-TOP o que-ACC comprou Q

O que comprou o João?

(7) a. Kimi-wa Jun-ga nani-o katta-tte iuta-ka?

Você-TOP João-NOM o que-ACC comprou-Comp2 disse-Comp1

O que você disse que o João comprou?

Em línguas como o Japonês em que o operador interrogativo é final, o movimento do sintagma-*wh* para uma posição junto do marcador interrogativo não é aplicável. Por isso, Baker considera que a posição do marcador interrogativo é o maior fator para a ausência de movimento no japonês.

A partir das observações das interrogativas em várias línguas, Baker formula então o “*Universal de Interrogativa*”, segundo o qual, por um lado, há uma regra universal de movimento nas interrogativas, diferindo de língua para língua apenas nos morfemas particulares deslocados e, por outro lado, os morfemas interrogativos são a realização lexical do constituinte Q (Baker, 1970: 207 *apud* Brito, 1991:56).

Seguindo a sugestão de Bach (1968), que afirma que “Q funciona como um operador”, Baker analisa uma interrogativa múltipla em inglês, como a de (8), que, sendo uma interrogativa múltipla, contém um constituinte-*wh in situ which book*. Para o autor, há duas diferentes leituras para a frase (8), parafraseadas em (8a) e (8b):

(8) Who remembers where we bought which book?

a. John and Martha remember where we bought which book.

b. John remembers where we bought which physics book and Martha and Ted remember where we bought The Wizard of Oz.

A função crucial do operador Q é que “liga” um ou mais constituintes de frase. (8a) e (8b) são duas leituras diferentes de (8). No caso de (8a) o operador Q encaixado liga os dois constituintes-Q *which book* e *where*; em contraste, em (8b) o operador matriz liga tanto *who* como *which book*. Tratando Q como um operador, o escopo do constituinte-*wh in-situ* em (8) pode ser explicado.

Nestes textos, Q era considerado apenas um nó extra acima de uma frase. Com Bresnan (1970) Q é visto como um Complementador WH. Apoiando-se nas propostas de Baker, Bresnan desenvolve um outro universal, a chamada *Hipótese Universal de COMP*, que relaciona as construções que têm morfemas interrogativos com as construções que comportam complementadores. Repare-se que os complementadores e os morfemas *wh* estão em distribuição complementar em Português e em Inglês, como se mostra nos exemplos:

- (9) a. Eu perguntei quem chegou.
 b. *Eu perguntei se quem chegou
- (10) a. I asked who came.
 b. *I asked if/whether who came.

E considera que «somente línguas com o complementador no início da frase permitiam o movimento dos sintagmas interrogativos Q» (Bresnan, 1970:317).

Esta autora propõe que todas as frases devem conter um nó inicial, COMP, introduzido pela seguinte regra sintagmática (Bresnan, 1970:300 *apud* Brito, 1991:56):

- (11) a. $F' \longrightarrow \text{COMP } F$

e que, em Inglês, COMP seria expandido por *that*, *for* ou WH (Bresnan, 1970:312 *apud* Brito, 1991:56):

- b. $\text{COMP} \longrightarrow (\text{that /for/ WH})$

Estabelecendo a diferença entre o complementador abstrato WH (equivalente ao constituinte «Q» de Baker) e o traço (+/- wh), que faz parte da entrada lexical de todos os morfemas interrogativos em Inglês, Bresnan (1970) argumenta que uma interrogativa subordinada de *whether* seria analisada com o complementador *wh* e o traço (+wh); e

numa interrogativa independente um morfema *wh* é movido para COMP e o complementador *wh* é suprimido (cf. Brito, 1991:57).

Bresnan dá exemplos do Japonês, uma língua S O V e possuindo uma partícula interrogativa e o complementador no final da frase, como já vimos acima; portanto, esta língua não move os seus sintagmas interrogativos-Q para a posição inicial da frase; e o marcador interrogativo permanece *in situ* tanto na sua forma subjacente como na manifestação fonética, como mostra o exemplo (12):

- (12) a. John-wa nani-o kaimasita ka?
João-TOP O que-ACC comprou Q
O que o João comprou?

Voltando de novo ao Inglês, Chomsky & Lasnik (1977) propõem que o movimento *wh* opera para uma posição à esquerda de COMP.

Este movimento deriva sequências como *Who that* ou *to whom for*, agramaticais em Inglês contemporâneo; por isso, os autores propõem que se aplique o Filtro de COMP duplamente preenchido, como se mostra em (13); e uma regra de apagamento livre em COMP:

- (13) *Filtro de COMP duplamente preenchido:*
« * [morfema Q α], $\alpha \neq [v]$
COMP
Em que [v] representa um elemento sem realização lexical»
(Chomsky & Lasnik, 1997:446 *apud* Brito, 1991:40)

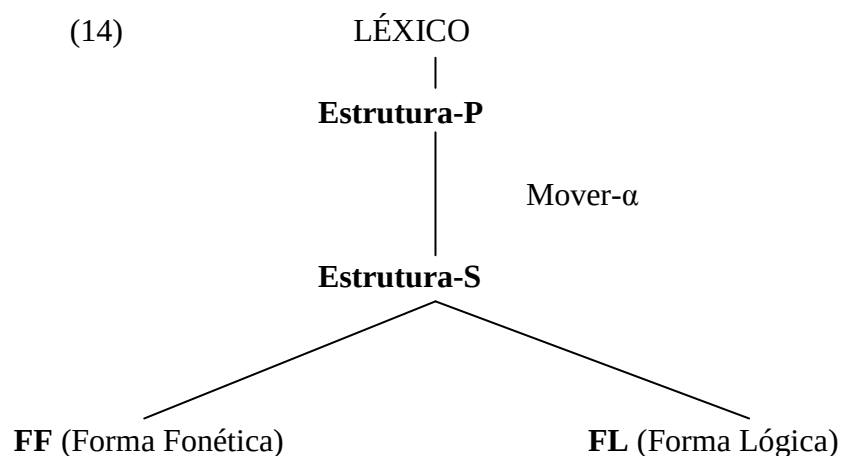
1.3. Chomsky (1981), (1982) e (1986)

A década 80 representa uma viragem na perspetiva da Teoria da Gramática, muito por culpa do surgimento do Programa de Princípios e Parâmetros (P&P), do qual a Teoria da Regência e da Ligação, TRL (GB – *Government and Binding Theory*) é o elemento essencial.

Em (1981), Chomsky desenvolveu uma teoria que tenta caracterizar dois tipos de objetos: a Gramática Universal e as “*core grammars*” das línguas naturais, as chamadas gramáticas nucleares ou centrais. A Gramática Universal é o conjunto de operações e princípios comuns às gramáticas.

Nesta perspetiva, a variação entre as línguas tem a ver com a escolha da gramática nuclear, embora existam fatores “periféricos” que também contribuem para tal; ou seja, “uma gramática particular é constituída pela «gramática nuclear», sendo a parte não marcada, derivada mais ou menos diretamente da GU pela fixação dos parâmetros específicos da língua e pela «periferia»” (Chomsky, 1981:8).

Quanto à forma da Gramática neste período, assume-se que a análise das expressões linguísticas deve seguir níveis de representação sintática:



A Estrutura-P está devidamente articulada com o Léxico de uma língua. A Estrutura-S é obtida a partir da estrutura-P pela aplicação de movimentos de constituintes («mover- α »). As regras de mapeamento da Estrutura-S para representações em forma lógica são aplicadas na Forma Lógica. As regras de mapeamento da Estrutura-S para a representação da forma fonética são aplicadas na Forma Fonética.

Segundo este modelo, a Estrutura-P é em grande parte a projeção do Léxico³, em interação com os princípios da GU e com os parâmetros fixados pela língua. Os princípios da GU e as várias assunções a eles associadas agrupam-se em várias subteorias, dando à GU um caráter “modular” elevado (Chomsky 1981).

No modelo da TRL, estas subteorias ou sistema de princípios incluem: a Teoria X-Barra, a Teoria dos Nós-Fronteira, a Teoria da Regência, a Teoria Temática, a Teoria de Caso, a Teoria da Ligação e a Teoria do Controlo.

³ “O Léxico consiste num conjunto (não ordenado) de entradas lexicais. Cada entrada lexical contém a informação pertinente de natureza fonológica, sintática, semântica sobre o item lexical que representa” (Raposo, 1992:96)

A *Teoria X-Barra* é uma teoria sobre a forma ou estrutura das categorias sintáticas⁴. A *Teoria dos Nós-Fronteira* ou «*Bounding Theory*» dá conta de condições de localidade, nomeadamente de condições que dizem respeito à distância entre as posições de destino, ocupadas pelos constituintes movidos por *Mover- α* , e as posições base desses constituintes, ocupadas pelos vestígios (Ambar, 1992:155). A gramática obedece também a princípios que regulam a marcação lexical pela qual um núcleo lexical marca os complementos que rege e, em geral, todos os argumentos. A descrição das relações temáticas que se estabelecem entre argumentos e predicados é do foro da *Teoria Temática*⁵. Uma subteoria que compõe o aparato da Teoria da Regência e da Ligação é a *Teoria do Caso*, ligada tanto à Estrutura-P como à Estrutura-S, que estipula a atribuição de caso (abstrato ou morfológico) aos SN's das frases⁶.

A *Teoria da Regência* desempenha um papel central na TRL. Chomsky tem de certo modo a ideia de que regência deve implicar a exigência de domínio por uma mesma projeção máxima⁷.

Finalmente, a *Teoria da Ligação* ou “*Binding Theory*” é um módulo determinante na legitimação das categorias vazias deixadas por *Mover- α* . Neste subsistema define-se o domínio em que se estabelece a relação de ligação entre um antecedente numa posição-argumental e a categoria por ele ligada (Ambar, 1992:162) e a *Teoria do Controlo*, que

⁴ Chomsky começa por formular assim o princípio que assegura tal requisito:

“Representations at each syntactic level (i.e., LF, and D- and S-structure) are projected from the lexicon, in that they observe the subcategorization properties of lexical items.” (Chomsky, 1981:29).

Dada a estreita ligação entre propriedades de subcategorização e propriedades de marcação temática, em 1982 Chomsky reformula este mesmo princípio de forma a deslocar a tónica para a atribuição dos papéis temáticos:

“(…) the Projection Principle which states informally that the Θ - marking properties of each lexical item must be represented categorically at each syntactic level: at LF, S-structure, and D-structure.” (Chomsky, 1982:8).

Na TRL, o Princípio de Projeção é um dos princípios fundamentais que regulam a boa formação da estrutura-P e dos outros níveis gramaticais.

⁵ Encerra este subsistema um princípio fundamental: o *Critério- Θ* . Informalmente, este critério requer que:

“a cada argumento deve ser atribuído um e só um papel temático e cada papel temático deve ser atribuído a um e só um argumento” (Chomsky, 1981:36 *apud* Brito, 1991).

⁶ É agramatical qualquer sequência em que um SN com realização lexical não tenha caso. O Filtro do Caso, formulado por Chomsky (1981:49), especifica o que foi dito acima:

Filtro do Caso: «*SN, se SN tiver realização lexical e não tiver caso»

⁷ A noção de regência apresentada em *Barriers* pode definir-se do seguinte modo:

α rege β sse α m-comanda β e não há um γ , γ uma barreira para β , tal que γ exclui α .

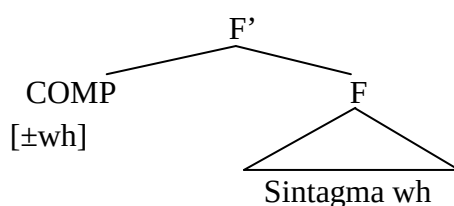
(Chomsky, 1986:9 *apud* Brito, 1991)

Chomsky (1986) admite que é um módulo de GU responsável pela determinação da referência *livre* ou *ligada* de PRO.” (Ambar, 1992:168).

No que concerne ao tratamento do movimento nas línguas, os conceitos anteriormente introduzidos são retomados de modo a regular as condições que operam sobre o movimento de SN's, o movimento *wh* e o movimento de núcleos.

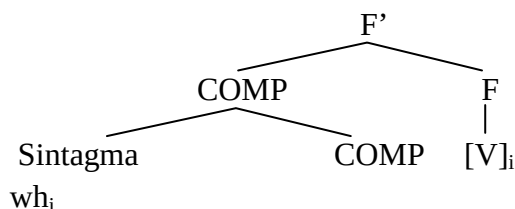
Em Chomsky (1981), o movimento WH é ainda analisado como *regra de adjunção a COMP* (Brito, 1991:57). Assim, dada a Estrutura-P⁸:

$$(15) [F' \quad [COMP \quad \pm wh \quad [...sintagma \quad wh...]]]$$



o output da regra é o seguinte (*apud* Brito, 1991:57):

$$(16) [F' \quad [COMP' \quad Sintagma \quad wh_i \quad [COMP \quad \pm wh]] \quad [F...[v]_i...]]$$



A esta estrutura aplica-se o Filtro de COMP duplamente preenchido já referido acima, mas sabendo-se que algumas línguas ou variantes de línguas permitem sequências como: *quem que* ou *whom that* e outras que não o permitem, propõe-se que o Filtro de COMP duplamente preenchido é específico a certas línguas, podendo mesmo ser específico a certas construções.

⁸ A posição criada por adjunção é uma posição não argumental ($\bar{A}$) no sentido em que não é potencialmente uma posição temática. E a relação entre um constituinte movido e o seu vestígio é uma relação de ligação, que deve obedecer a uma condição de localidade. No caso do movimento por adjunção, a ligação que se estabelece é uma ligação- $\bar{A}$, porque o local de poiso do constituinte movido é uma posição não argumental (Chomsky, 1981:47)

O movimento *wh* deixa um vestígio; o vestígio deixado pelo movimento dos morfemas *wh* é uma variável⁹; a relação que se estabelece entre morfema *wh* e o seu vestígio é uma relação operador-variável, um caso particular de ligação $\bar{A}$ (Brito 1991:41).

Em Chomsky (1982) aplica-se a convenção X-Barra ao domínio de frase (simples e complexa). Assim, assume-se que o núcleo funcional COMP tem Esp e complemento. Dada esta concepção, o Spec de um COMP interrogativo só poderá alojar uma expressão interrogativa, um elemento-*wh*, se COMP tiver o traço [+WH]; logo, o movimento *wh* é um movimento de substituição e não de adjunção como era anteriormente considerado (Chomsky 1986), pela qual os sintagmas *wh* ocupam a posição de ESP de COMP, uma posição vazia em Estrutura-P.

Quer dizer, Chomsky parte do pressuposto de que SCOMP não tem uma estrutura defetiva em termos da X'; pelo contrário, é dotado de núcleo, uma posição de complemento, a Frase (SFLEX), que, de acordo com Abney (1987), é um complemento funcionalmente selecionado (Brito 1991:58).

Vejamos como estas propriedades se aplicam a interrogativas-Q¹⁰ em Português; veja-se o exemplo (17):

(17) Que artigo os alunos leram?

a. E.P. [_{SCOMP} ESP [_{COMP'} COMP [+INT] [_{SFLEX} [_{SN} os alunos] [_{FLEX'} FLEX
[+T +C] [_{SV} V (ler) [_{SN} que artigo]]]]]]]

b. E.S. [_{SCOMP} que artigo_i [_{COMP'} COMP (+INT) [_{SFLEX} [_{SN} os alunos] [_{FLEX'}
FLEX [+T +C] [_{SV} V (ler) [_{SN} (v)_i]]]]]]]

Neste exemplo, por movimento Q é deslocado o SN *que artigo*, a variável deixada é uma categoria vazia nominal, que ocupa uma posição A, sendo, por isso, acessível quer à marcação temática quer à marcação casual.

Dado que há uma categoria vazia numa posição periférica à frase, o Movimento *wh* pode ser desencadeado; sendo o local de poiso do morfema interrogativo o ESP de SCOMP, é obtida a Estrutura-S de (17b).

⁹ Chomsky (1981:185) afirma que α é uma variável se e só se for uma categoria vazia, se ocupar uma posição A e se for localmente ligada por β numa posição $\bar{A}$.

¹⁰ Ao falarmos das interrogativas no Português, adotamos Q e não Wh (inglês).

Nesta perspectiva, a motivação do movimento *wh* tem a ver com a natureza do operador do morfema interrogativo e a escolha do seu local de poiso relaciona-se com os problemas de escopo (Brito, 1991:39): os morfemas *wh* deslocam-se «para uma posição anterior a SFLEX com escopo sobre SFLEX» (Chomsky, 1986:5).

Em relação às restrições relativas ao movimento, Chomsky (1986) diz que certas configurações são barreiras para a regência e para o movimento, isto é, são ilhas fortes.

Observe-se os seguintes exemplos¹¹:

- (18) a. Ela está a ler um livro que trata de SIDA.
b. *De que é que ele está a ler um livro que trata?
- (19) a. Que o ministro daria uma entrevista era tido como assente.
b. * O que é que que o ministro daria era tido como assente?

Como afirma Brito (1991), a agramaticalidade das construções (18b) e (19b) mostra que o Movimento Q é regulado por uma condição de localidade, isto é, o local de poiso do morfema Q não pode estar «demasiado» afastado do seu local de partida.

Em particular, a *Restrição do SN complexo*, que postula que «Nenhum elemento numa frase dominada por SN com um núcleo lexical pode ser movido fora desse SN por uma transformação», explica a agramaticalidade de (18b); e a *Restrição do SU frásico*, que estipula que «Nenhum constituinte dominado por uma F pode ser movido para fora dela se essa F for dominada por um SN por sua vez dominada por F» explica a agramaticalidade de (19b). As duas restrições são consideradas dois casos particulares de uma condição mais geral – a Subjacência.

É possível, a partir de algumas construções, mostrar que, em Português SFLEX (F) não é um nó-fronteira para a Subjacência e que apenas SCOMP e SN são nós-fronteira ou ilhas fortes. Confira-se os exemplos abaixo:

- (20) a. [_{SCOMP} Que livros tu ignoras [_{SCOMP} que pessoas [_{SFLEX} leram?]]]
b. [_{SCOMP} Quantos estudantes é que tu não sabes [_{SCOMP} que artigos [_{SFLEX} leram?]]]

¹¹ Exemplos retirados de Brito (1991:45).

Para explicar a aceitabilidade de (20a) e (20b), Duarte (1987) e Brito (1991:47) formulam duas hipóteses que se afiguram possíveis: o movimento Q não obedece à Subjacência ou o nó SFLEX não é um nó-fronteira. Como vimos acima, a agramaticalidade de (18b) e (19b) é imputável à violação da Subjacência (sendo SN e SCOMP nós-fronteira ou ilhas fortes); portanto, as autoras chegam à conclusão de que SFLEX não é em Português um nó-fronteira para a Subjacência.

Em frases como (21a), a posição-A de onde parte o sintagma-*wh* interrogativo encontra-se distante da posição- $\bar{A}$ onde o sintagma pousará, sendo separado pelo complementador. Chomsky, para explicar a boa formação deste tipo de frases, propõe que o movimento, nessas condições, se dá de forma *sucessivamente cíclica* (*apud* Brito, 1991:44). Os exemplos (21a) e (21b) ilustram este processo:

(21) a. Que livros disseste que a Maria perdeu?

b. I wonder [Who [you think [t [John said [t [you will see t]]]]]

Eu me pergunto [quem [tu pensas [t [que o João disse [t [que tu verás t]]]]]]]

Em (21b), o sintagma-*wh* *Who* (quem) moveu-se *ciclicamente* de um COMP mais baixo para o mais alto, num processo composto por passos intermediários (o movimento de COMP-a-COMP).

Em síntese, o Movimento *wh* está sujeito a algumas condições, restrições e princípios, em que destacamos: o Princípio de Subjacência (ou princípio equivalente), além de princípios da Teoria da Ligação que regulam a relação operador-variável.

No entanto, o Movimento-*wh* é um fenómeno que, como se disse inicialmente, apresenta variações nas línguas, tal como nos mostra, Huang (1982), através do “Parâmetro do movimento-*wh*”.

1.4. Huang (1982): O Parâmetro do Movimento-WH

A observação de várias línguas quanto à posição inicial ou final dos constituintes interrogativos justificou por parte de alguns linguistas a formulação de parâmetros que dessem parte da variação. Um deles foi Huang (1982) com o seu *Parâmetro-wh*:

- (22) «Os sintagmas-Wh movem-se em dois momentos: Sintaxe Visível (Overt Syntax) na Estrutura-S e Sintaxe Não-Visível (Covert Syntax) na Forma Lógica.»

Das línguas que movimentam os sintagmas-*wh* em sintaxe visível é exemplo o Inglês, que não dispõe da possibilidade de ter interrogativos *in situ* (23); só em interrogativas múltiplas ou numa interrogativa eco um constituinte interrogativo pode permanecer na sua posição básica, como se mostra em (23) e (24):

- (23) *She met whom?
Ela encontro quem?
- (24) Who met whom?
Quem encontrou quem?

Pelo contrário, embora seja claro que numa interrogativa *wh* no Chinês o constituinte-*wh* é gerado na sua posição de base, Huang (1982:370) argumenta que “só na componente LF interpretativa o constituinte-*wh* é movido para uma posição c-comandando a frase, deixando um traço interpretado como uma variável ligado a ele¹²”, como em (25):

- (25) Ni xihuan shei?
Tu gostas quem
Tu gostas de quem?
FL [shei_i {nixihuan e_i}]
De quem tu gostas?

De acordo com o autor, a diferença entre línguas como o Inglês e o Chinês reside na forma como estas satisfazem o [+WH]-CP's Principle. O Inglês satisfaz na Estrutura-S (Overt Syntax), enquanto que o Chinês na Forma Lógica (Covert Syntax).

¹² Minha tradução.

Huang mostra ainda que “mover *wh*” no Chinês está também sujeito a condições de “ilha”:

(26) *_S [_{NP} [_S tou-le sheme de] neige ren bei dai-le]?

roubou o que DE aquela pessoa por apanhado

O homem que roubou o que foi apanhado?

(27) *_S [_S Zhangsan tao-le shei], zhen kexi]?

Z. casou quem realmente pena

Com quem Zhangsan casou é uma pena?

(28) *_S [_S Zhangsan tao-le shei], ni zhidao-le]?

Z. casou quem tu conheces

Com quem Zhangsan casou, tu conheces?

Nas interrogativas diretas acima procura-se obter a resposta do ouvinte de forma a que este dê o valor do constituinte-*wh* que ocorre na frase relativa em (26), no sujeito frásico em (27) ou no tópico da frase em (28). Porém, estas frases são agramaticais. Este facto sugere, segundo Huang (1982:380), que Mover-*wh* no Chinês opera em FL e obedece à Subjacência.

Também (29) é agramatical, mostrando que Mover *wh* obedece à Restrição do SN Complexo, um subcaso de Subjacência:

(29) [_S [_{NP} [_S shei yao mai de] shu] zui gui]?

quem quer comprar DE livro muito caro

‘*Os livros que quem quer comprar são muito caros?’

O constituinte *wh shei* ocorre dentro de um SN complexo e a frase é agramatical.

Em síntese, para Huang (1982) há línguas em que o movimento *wh* opera em Sintaxe visível (Overt Syntax), e outras línguas em que opera em Forma Lógica (Covert Syntax), mas as condições a que obedecem na Forma Lógica são as mesmas.

1.5. Rizzi (1996): The WH Criterion¹³

O Parâmetro-Wh tal como foi formulado por Huang (1982) – as línguas dividem-se entre as que têm movimento Wh em Sintaxe Visível e as que têm o movimento Wh em Sintaxe Não Visível, i.e., em Forma Lógica – não dá conta da diferença entre línguas como o Inglês (cf. (23) e (24), aqui repetidos em (30) e (31)), e línguas como o Português (cf. (32), (33) e (34))¹⁴ e o Francês (cf. (35) e (36))¹⁵:

(30) *She met whom? (agramatical se não for interrogativa eco)

(31) Who met whom?

(32) O corvo comeu o quê?

(33) Deste o quê a quem?

(34) Queres saber se podes ir aonde?

(35) Elle a rencontré qui?

(36) Qui a rencontré qui?

Vemos que línguas como o Português e o Francês têm duas ordens de palavras possíveis para as interrogativas parciais: frases com movimento para a esquerda e frases com os morfemas Wh *in situ*, daí que a formulação do Parâmetro Wh deva ser revista.

Para dar conta desta diferença, Rizzi (1996) propõe que tanto as línguas como o Inglês como as línguas como o Português e o Francês fixam como valor para o parâmetro a existência de movimento Wh em Sintaxe Visível, mas que se distinguem entre si porque o Inglês dispõe de processo de concordância estática, i.e., uma concordância entre os constituintes que dispõem dos mesmos traços, enquanto o Português e o Francês dispõem de um processo de concordância dinâmica, através do qual um operador-Wh movido para Esp de COMP (C) pode atribuir, por concordância especificador-núcleo, o traço [wh] ao núcleo COMP (C) (Duarte, 2001:116), como exemplificado em (37):

(37) $[_{CP} \text{ operador-wh } [C' C^{\circ}]] \rightarrow [_{CP} \text{ operador-wh } [C' C^{\circ}]]^{16}$
[+Wh]

¹³ A apresentação de Rizzi (1996) é baseada em Duarte (2000) e (2001).

¹⁴ Duarte (2001:115).

¹⁵ Duarte (2001:116).

¹⁶ Cf. Rizzi (1996:76).

O autor desenvolve assim o Critério Wh (*Wh Criterion* ou *Critério Q*) como uma forma de tratar do fenómeno da compatibilidade de traços, um tipo de concordância que deve existir entre o especificador e o núcleo de uma categoria. Assim, de acordo com Rizzi, há três suposições iniciais:

(a) Existe o Critério Q¹⁷ que regula as frases interrogativas:

(38) Critério Q

- (i) Um operador Q deve estar em relação Spec-Núcleo com um núcleo Q.
- (ii) Um núcleo Q deve estar em relação Spec-Núcleo com um operador Q.

(b) O Critério Q aplica-se na Estrutura-S ou na FL;

(c) Existem línguas em que o traço [Q], presente nas interrogativas, se ancora na Flexão, isto é, o núcleo de F.

A observação mais importante é a contida em (c).

A partir dos exemplos do Inglês abaixo em (39), Rizzi (1996) mostra que há línguas em que tanto uma expressão Wh como a Flexão (no Aux/V) deve ser movida para a esquerda da frase, para haver uma boa formação de frase:

- (39)
- a. What has John seen?
O que tem o João visto?
 - b. *Has John see what?
Tem o João visto o quê?
 - c. *What John has seen?
O que o João tem visto?
 - d. *John has seen what?
O João tem visto o quê?

¹⁷ cf. The Wh Criterion:

A. “A wh-operator must to be in a Spec-Head configuration with X° [+wh];
B. An [+wh] must to be in a Spec-Head configuration with a wh-operator.”
Rizzi (1996:63)

A partir destes fenómenos, Rizzi constrói uma análise das interrogativas segundo a qual a única frase gramatical em que o operador-wh *what* e Flexão presente em *has* se encontram em relação Spec-núcleo em CP é a (39a), satisfazendo assim o Critério WH, o que não acontece nas restantes frases em (39); em (39c), apesar de existir um morfema WH na primeira posição, o núcleo de CP não tem o traço [+WH], por não ter operado o movimento do V, e a frase é agramatical.

No Inglês, o Spec de COMP das interrogativas encaixadas deve ser preenchido por um elemento-WH na Estrutura-S (Rizzi, 1996:63):

- (40) a. I wonder what John saw.
b. *I wonder what did John see.

Em casos de interrogativas encaixadas em que se tem um verbo auxiliar, só vai para C um constituinte com traço [+WH] e o auxiliar não deve mover-se, explicando a agramaticalidade de (41):

- (41) a. *I wonder what did John see.

1.6. Rizzi (1997) e (2004): The Left Periphery of the Clause

Nestes dois trabalhos Rizzi propõe que o sistema de complementador (SCOMP/CP) consiste em diferentes núcleos funcionais e nas suas projeções.

Apoiando-se nesta conceção, Rizzi (1997) propõe um sistema de CP em camadas que corresponde à Periferia Esquerda da frase, representando a relação entre o conteúdo da frase (TP ou ST) e o discurso. Partindo desta hipótese, propõe-se projeções funcionais para esse domínio com o intuito de derivar ordens lineares e valores interpretativos diferentes; algumas projeções funcionais são possivelmente agrupáveis¹⁸.

A análise proposta em Rizzi (1997) postula uma componente fixa, envolvendo os núcleos *Força e Finitude*, e uma componente acessória, que envolve os núcleos *Tópico e Foco*, que são ativados só quando necessário, ou seja, quando há um tópico ou foco

¹⁸ cf. Amaral (2009:63).

para ser acomodados na periferia esquerda da frase, como se ilustra na estrutura em (42):

(42) FORCE (TOP*) FOC (TOP*) FIN IP

(Rizzi, 1997)

Este autor considera que o principal papel do sistema complementador (CP) é a expressão da *Força* (Ilocutória), que distingue os diferentes tipos de frases (frases declarativas, interrogativas, exclamativas) e *Finitude*, que estabelece a distinção entre frases finitas e não finitas.

Trata-se de dois núcleos distintos fechando o sistema complementador nas suas margens, acima e em baixo, respetivamente (e, talvez, aglomerando-se em um único núcleo nos casos simples). A necessidade de duas posições distintas torna-se visível quando o campo Tópico/Foco é ativado.

O paradigma a seguir é apresentado em Rizzi (1997), envolvendo um Tópico e os Complementadores *che* ("que") e *di* ("de"), que ocorrem em Italiano em frases finitas, respectivamente, como ilustra a proposta do autor sobre o sistema CP:

(43) a. Maria crede *che* potrà leggere il tuo libro.

Maria acredita que (ela) será capaz de ler o teu livro

b. Maria crede *di* poter leggere il tuo libro.

Maria acredita (de) ser capaz de ler o teu livro

(44) a.* Maria crede, il tuo libro, *che* lo potrà leggere.

Maria acredita, o seu livro, que (ela) vai ser capaz de ler

b. Maria crede *che*, il tuo libro, lo potrà leggere.

Maria acredita que, o seu livro, ela será capaz de lê-lo

(45) a. Maria crede, il tuo libro, *di* poterlo leggere.

Maria acredita, o seu livro, de ser capaz de ler

b. * Maria crede *di*, il tuo libro, poterlo leggere.

Maria acredita de, o seu livro, ser capaz de lê-lo

De acordo com o pressuposto tradicional, *che* e *di* ocupam a mesma posição. A abordagem da camada múltipla abre a possibilidade de *che* e *di*, enquanto elementos do sistema C, ocuparem posições distintas.

Para Rizzi, esta possibilidade é apoiada diretamente pela ordenação dos dois complementadores em relação a outras posições estruturais: *che* deve preceder o Tópico na construção de Deslocamento à Esquerda, como se percebe pela diferença entre as frases (44a) e (44b); enquanto *di* deve seguir o Tópico, como em (45a) e (45b). Este e outros dados são evidências para a conclusão de que *che* ocupa a posição mais elevada de C, a *Força*, enquanto *di* ocupa a posição mais baixa, *Finitude*, neste caso [-finito].

Em 2004, Rizzi desenvolve esta perspectiva, mas numa direção ainda mais forte. Assim, propõe o *Princípio de Simplicidade Local*, que acaba com as representações globais que envolvem a articulação muito rica em estruturas funcionais (Rizzi, 2004:8). O pressuposto básico deste princípio é:

- (46) “Um núcleo funcional é composto por exatamente uma característica sintaticamente relevante, não há originalmente núcleos complexos, ou seja, os núcleos funcionais entram na derivação como a representação de exatamente uma característica.”
(Rizzi 2004:8). *Tradução minha.*

Como consequências desta concepção temos as seguintes propostas:

- O domínio C é radicalmente decomposto, cada função de C pode ser analisada como um distinto núcleo, seja *Força* seja *Finitude*.
- Cada núcleo funcional pode compor (*merge*) com um especificador, no máximo, de modo que qualquer frase deslocada acaba como o único especificador de um núcleo distinto.

Rizzi mostra ainda que *Int* é requerido no Italiano nas interrogativas totais (e em certas interrogativas *Wh* adverbiais). Nas interrogativas indiretas, o complementador ocorre mais baixo que a posição superior de *Top* mas acima de *Foc*, como em (47):

- (47) a. Non so, a Gianni, se averbbero potuto dirgli la verità.
b. Mi domando se QUESTO gli volessero dire (non qualcos'altro)

Assim sendo, Rizzi propõe a seguinte hipótese de representação estrutural:

$$(48) \text{ [Force [Top}^* \text{ [Int [Foc [Top}^* \text{ [Mod}^* \text{ [Top}^* \text{ [Fin [IP]]]]]]]]]]}$$

(Rizzi, 2004:242)

De novo, em CP só *Force* e *Fin* são obrigatórios. As outras categorias (*Top*, *Int*, *Foc* e *Mod*), só são projetadas, se necessário. Em Italiano, *Force* é o lugar para o complementador declarativo *che*; Esp de *FocP* é “landing site” dos sintagmas interrogativos *wh* e *Int* é o lugar de *se*.

Este sistema foi recentemente aplicado ao Português por Matos & Brito (2013). Porém, estas autoras defendem que no PE a categoria *Int* não é seleccionada tal como no Italiano (cf. (47)).

No seu texto, estas autoras argumentam que, nas frases encaixadas do PE, os complementadores declarativos e interrogativos comportam-se da mesma forma: “eles sempre precedem o constituinte topicalizado” (Matos & Brito, 2013:107), como ilustram os exemplos (49) e (50)¹⁹:

(49) a. Sei que, ao João, podemos dizer a verdade.

b. *Sei, ao João, que podemos dizer a verdade.

(50) a. *Não sei, ao João, se podemos dizer a verdade.

b. Não sei se, ao João, podemos dizer a verdade

Portanto, no PE, *Force* é o único lugar de poiso para força ilocutória, e a proibição do complementador declarativo *que* em interrogativas indiretas encontra explicação. Matos & Brito (2013) propõem a seguinte representação (51) para as interrogativas indiretas no PE:

$$(51) \text{ [ForceP [WhP}_i \text{ [Force}^* \text{ [Force}^* \text{ [FocP [Foc}^* \text{ [Foc (é que)} \\ \text{[FinP [TP]]]]]]]]]]}$$

Em (51), WhP ocupa a posição de Esp de ForceP, devido a um traço forte, *EPP-feature* de Force. FocP é projectado, o núcleo pode ser preenchido por *é que*, como em (52):

(52) Eu perguntei que livro é que a Maria leu.

¹⁹ Tradução minha.

1.7. Chomsky (1995) e Cheng & Rooryck (2000): breve abordagem do movimento Q no programa minimalista

O Programa Minimalista (PM) vem resolver alguns problemas não tratados pela Teoria da Regência e da Ligação (TRL), descrevendo e explicando os fenómenos sintáticos de forma mais simples e geral possível, para atingir a universalidade do conhecimento linguístico, através de uma estrutura económica e abstrata.

Este programa abandona as noções de estrutura-P e de estrutura-S, e “define apenas dois níveis de representação (as interfaces FF e FL), que têm de obedecer a condições de legibilidade estritas impostas pelos sistemas de performance, (o Princípio FI²⁰); as derivações devem convergir; caso contrário, fracassam” (Raposo, 1998:35). E, ainda, na economia derivacional, as derivações mais económicas bloqueiam as menos económicas, de acordo com o Princípio de Economia.

Com o surgimento do Programa Minimalista, as questões relativas às operações de movimento, vestígios e cadeias reaparecem sob uma nova forma, visto que grande parte do aparato teórico assumido anteriormente foi abandonado.

Chomsky (1995) incorpora no Programa Minimalista a “teoria de movimento por cópias”, de acordo com o qual os vestígios são interpretados como cópias dos constituintes movidos, i.e., quando um sintagma é movido para uma posição mais alta na estrutura sintática, deixa uma cópia na sua posição de base, que é apagada na componente fonológica, mas está disponível para interpretação em FL.

Tal como na TRL, no PM a relação entre o constituinte movido e a respetiva cópia é encarada através da noção de cadeia, garantindo que cada elemento da cadeia codifica todos os traços do constituinte movido. Vejamos o exemplo:

(53) A quem deste o livro?

A estrutura relevante que subjaz à frase (53), por exemplo, deve ser representada como em (54), onde *a quem* se move deixando uma cópia/vestígio coindexado:

(54) [A quem_i [deste o livro [~~a quem_i~~]]]

²⁰ Do Inglês «Full Interpretation»; o princípio “concebe como uma exigência de economia nas representações de interface: estas devem ser tão parcimoniosas quanto possível, sem objetos supérfluos (não interpretáveis pelos sistemas externos)”. Raposo (1998:27)

Uma das aplicações mais interessantes do Programa Minimalista relativamente às interrogativas foi feita por Cheng & Rooryck (2000).

A análise destes autores recupera muitas das análises iniciais, ao proporem que as interrogativas, quer de *sim/não* quer interrogativas Q, têm todas um operador de interrogação (Q) nulo, lembrando o Q silencioso proposto por Baker (1970), que tem repercussões sobre a sintaxe e sobre a prosódia.

Cheng & Rooryck (2000), ao analisar as *Wh in situ* do Francês, consideram que o morfema Q entoacional é como o morfema Q *est-ce que*, que também ocorre em interrogativas *sim/não* e em interrogativas Q, como se ilustra em (55):

- (55) a. *Est-ce que* Jean a acheté un livre?
é que João comprou um livro?
O João comprou um livro?
- b. Quel livre *est-ce que* Jean a acheté?
Qual livro é que João comprou?
Que livro é que o João comprou?

Quer dizer, *est-ce que* e o morfema Q entoacional são subespecificados para as interrogativas *sim/não* e para as Q. Analisemos o exemplo (56):

- (56) Jean a acheté un livre?
João comprou um livro?

A interrogativa *sim/não* em (56), de acordo com Cheng & Rooryck (2000:8), pode ser representado (em sintaxe visível) como em (57):

- (57) Q Jean a acheté un livre
[Q:] João comprou um livro

Estes autores argumentam que este tipo de morfemas Q, não especificado completamente, precisam de ser verificado. Em (55a) e (57), a subespecificação do morfema Q é resolvida pela operação padrão, gerando um valor de [sim/não] para o atributo Q em FL. Por outras palavras, a FL de [Q:] é definido pelo padrão para [Q: *sim/não*]. Como resultado, (57) é interpretado como uma interrogativa *sim/não*, assim como (55a).

Cheng & Rooryck (2000:9) propõem que nas interrogativas *Q in situ* o operador Q nulo é inserido para verificar Q em C, e os morfemas Q ocorrem em C para verificar Q de C, como se mostra na representação de (58) em (59):

(58) Jean a acheté quoi?

João comprou o quê

(59) Q Jean a acheté quoi?

[Q:] João comprou o quê

Se nenhuma operação ocorresse em FL de (59), iria produzir uma interpretação ilegítima, uma vez que o padrão de fixação de subespecificação Q é [Q: sim/não], como em (57). Esta interpretação padrão deixaria a interpretação do morfema Q *quoi* por verificar. Por isso, além de preencher o valor padrão, “a subespecificação Q pode ser verificada de outra maneira: em FL, a subespecificação de Q pode ser verificado através do movimento do morfema Q *quoi* para C⁰” (Cheng & Rooryck, 2000:9) (minha tradução).

Seguindo Chomsky (1995), estes autores assumem que apenas os traços se movem na FL. “O movimento de Q para C⁰ define a mudança do valor de [Q:] para [Q: Wh]” (Cheng & Rooryck, 2000: *idem*). Quer dizer, a natureza subespecificada do morfema Q desencadeia o movimento Q. Se não se dá o movimento, a interrogativa acaba por ter a interpretação de [Q: *sim/não*].

Em suma, Cheng & Rooryck (2000) consideram que ocorre um operador Q entoacional nas interrogativas *sim/não* e nas interrogativas Q em línguas como o Francês. Diferentemente das interrogativas *sim/não*, nas interrogativas Q o morfema Q move-se para desambiguar a subespecificação de Q, definindo o seu valor para [Wh], e não para verificar C, pois este é verificado pela própria prosódia.

Retomaremos esta questão quando discutirmos as interrogativas *Q in situ* e as interrogativas com o Q na posição intermédia no PM.

1.8. Síntese do Capítulo

Neste capítulo, fizemos um percurso histórico acerca do tratamento do movimento Wh/Q. Apesar das diferenças no tratamento, pensamos que os diferentes tratamentos subdividem-se em duas grandes perspectivas de abordagem da Periferia Esquerda das interrogativas-Q. Vejamos quais as principais ideias:

A primeira abordagem é a de Chomsky (1981, 1982) que teve dois momentos: (i) o movimento Q é analisado como *regra de adjunção a COMP*. A esta estrutura aplica-se ou não, conforme as línguas, o Filtro de COMP duplamente preenchido; (ii) O movimento Q é um *movimento de substituição* e não de adjunção, como era anteriormente considerado; portanto, os sintagmas Q ocupam a *posição de Esp de COMP* e a existência ou não de sequências *wh/que* fica sujeita a variações paramétricas.

Já na segunda abordagem, a abordagem cartográfica de Rizzi (1997, 2004) propõe que o COMP (CP) possui diferentes núcleos funcionais e as suas projeções. Nesta abordagem, o sistema de CP é constituído por diferentes camadas correspondentes à Periferia Esquerda da frase, representando a relação entre o conteúdo e o discurso. Rizzi defende que na periferia esquerda existem componentes fixas (Força e Finitude) e acessórias (Tópico e Foco), que são activadas quando necessárias. Portanto, opta por uma abordagem cartográfica do sistema CP/SCOMP.

Nos próximos capítulos vamos ver que as duas abordagens têm sido propostas para as análises das interrogativas Q no PE e no PB.

Para a análise destas interrogativas Q no Português de Moçambique adotaremos a perspectiva que se mostrar mais económica.

CAPÍTULO II

PE E PB: PROPRIEDADES FUNDAMENTAIS DAS INTERROGATIVAS PARCIAIS E ALGUNS TRATAMENTOS

2.1. Introdução

Nas interrogativas parciais de constituintes ou interrogativas-Q, o foco da interrogativa incide sobre um constituinte, daí a presença de palavras interrogativas, que a gramática tradicional designa por “pronomes”, “adjetivos” ou “advérbios” interrogativos (Brito, 2003:463). No PE, tais constituintes são normalmente movidos para a posição inicial da frase interrogativa, embora possam não sê-lo (60c); e as interrogativas do PE não são seguidas de *que*, o que pode acontecer em PB, como em (60d). Em PE há alteração da ordem de palavras em certas interrogativas introduzidas por pronomes interrogativos “simples”, i.e., “não D-linked” enquanto em PB não, como se mostra em (60a) e (60b):

- | | |
|----------------------------|--------|
| (60) a. O que fez o João? | PE PB |
| b. O que o João fez? | *PE PB |
| c. O João fez o quê? | PE PB |
| d. Onde que esteve o João? | *PE PB |

Existem muitos estudos sobre estes fenómenos nas duas variedades, nomeadamente: Ambar (1992 e 2006); Brito (2003); Lopes Rossi (1993); Duarte (2000); Barbosa (2001); Amaral (2009); Alexandre (2009) e Kato (2013).

De diferentes modos estes autores têm dado resposta a algumas das seguintes questões: (i) É o movimento Q obrigatório ou opcional nas interrogativas destas duas variedades do Português? (ii) Como é que as duas variedades lidam com o chamado efeito de «COMP duplamente preenchido»? (iii) De que modo as interrogativas-Q estão relacionadas com a questão da ordem de palavras nestas variedades do português?

2.2. As interrogativas parciais na Gramática Tradicional

As gramáticas tradicionais limitam-se a descrever o valor e o emprego dos pronomes interrogativos, pouco ou nada dizendo sobre os problemas sintáticos com elas relacionados.

Na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Said Ali define frase interrogativa como sendo uma frase que transmite os seus pensamentos sob forma de pergunta, quer proferida isoladamente, quer em meio de um discurso (Said Ali, 1964:274).

Este autor considera que a tonalidade, nestas frases, é mais alta que as das frases expositivas, as quais em geral terminam por uma nota mais grave, veja-se o contraste nos exemplos:

- (61) a. Chove. (normal)
b. Chove? (+alta)
c. Perdeste um grande amigo. (normal)
d. Perdeste um grande amigo? (+alta)

Said Ali (1964:274) considera ainda que a interrogativa indireta exprime-se por meio de oração composta com a tonalidade habitual da linguagem expositiva, constituindo-se a oração principal com o verbo denotador de desconhecimento ou desejo de ser informado, e enunciando-se sob a forma de subordinada, iniciada por partícula dubitativa ou expressão interrogativa, aquilo sobre que se deseja ter informação ou conhecimento:

- (62) a. Não sei se ficarás.
b. Diga-me se ele está em casa.
c. Quisera saber onde anda, quando virá e porque se demora.

Nas gramáticas de Silva Dias (1970) *Sintaxe Histórica Portuguesa* e de Cunha e Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, discute-se o valor e emprego dos pronomes interrogativos, porém, ainda sem tratar questões sintáticas como a alteração da ordem de palavras ou a posição do pronome interrogativo (inicial ou final), entre outras questões.

Silva Dias (1970) mostra, através de exemplos, os valores de determinados pronomes interrogativos, como *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, que podem ocorrer em vários contextos. Por exemplo, *que* pode ocorrer, uma vez como adjetivo (cf. (63a)), outras como substantivo (cf. (63b)):

- (63) a. Que dia da semana é hoje? (Lus., 1, 50)
b. Que sam os aplausos da fama, senão reclamo dos ódios? (Pe. António de Sá, serm. da Cinza, 13)

Nas interrogativas indiretas, como as de (63b), *o que* equivale a «que coisa» e pode ser substituído por «o que» (Silva Dias, 1970:87).

Na opinião de Cunha e Cintra (1974), os pronomes interrogativos estão estreitamente ligados aos pronomes indefinidos. Tal como Silva Dias (1964), estes autores não se preocupam com questões sintáticas que envolvem as interrogativas e discutem mais o valor, a flexão e o emprego dos pronomes interrogativos.

“Chamam-se interrogativos os pronomes *que, quem, qual e quanto*, empregados para formular uma pergunta direta ou indireta.” (Cunha & Cintra, 1970:352).

Quanto ao valor e emprego de *que*, Cunha e Cintra (1974:353) consideram que, para dar mais ênfase à pergunta, em lugar de *que* podemos ter o pronome substantivo *o que*:

(64)a. O mundo? *O que* é o mundo, ó meu amor? (Floribela Espanca, S, 90.)

Portanto, consideram que nenhuma razão assiste aos que condenam a anteposição do *o* ao *que* interrogativo.

Em síntese, como se pode notar, na tradição gramatical luso-brasileira, os gramáticos preocupavam-se mais em estabelecer o uso dos pronomes, e deixavam de lado questões sintáticas que marcam este tipo de construções.

2.3. Interrogativas-Q no Português Europeu e no Português Brasileiro

Nesta secção, faremos uma análise comparativa das propriedades fundamentais das interrogativas-Q nas variedades europeia e brasileira do Português, mostrando as reflexões de alguns linguistas portugueses e brasileiros. Particularmente procuramos estudar os seguintes aspetos: (i) as interrogativas com movimento-Q com ou sem inversão do sujeito-verbo; (ii) as interrogativas-Q com *Q in situ* (verdadeira e eco); (iii) as interrogativas com «COMP duplamente preenchido»; (iv) as interrogativas com *é que* com e sem inversão do sujeito.

2.3.1. Interrogativas-Q no Português Europeu

No Português Europeu, as interrogativas-Q envolvem em geral movimento do V obrigatório e alteração da ordem de palavras, exceptuando-se casos em que temos constituintes *D-linked*²¹ (Q + N) ou interrogativas Q com *é que*. Embora pouco frequentes nesta variedade do Português, encontramos ainda interrogativas *in situ* e a total rejeição de interrogativas Q com «COMP duplamente preenchido».

2.3.1.1. O movimento-Q e a alteração da ordem de palavras

Como é sabido, o PE contemporâneo exhibe vários tipos de interrogativas-Q, entre as quais se destacam as interrogativas com movimento Q²² com alteração da ordem de palavras:

- (65) a. O que comeu o corvo?
b. *O que o corvo comeu?

Ambar (1992), que pertence a uma geração de linguistas formados no quadro da Gramática Generativa, estuda as questões sintáticas que envolvem as interrogativas-Q e mostra que a alteração de ordem de palavras nas interrogativas em Português não resulta de um só movimento do verbo mas de dois tipos de movimentos do verbo para justificar a alteração da ordem das palavras exibidos nalguns dos exemplos seguintes:

- (66) a. Que/o que comprou a Joana?
a'. *Que/o que a Joana comprou?
- (67) a. Que vinho o João bebe habitualmente?
a'. Que vinho bebe o João habitualmente?
b. *Que o João bebe habitualmente?
b'. Que bebe o João habitualmente?
- (68) a. Quando telefonam os teus amigos?
a'. *Quando os teus amigos telefonam?
- (69) a. Não sei que comprou o João.

²¹ Cf. Pesetsky (1987) sobre “D-Linked” e “D-Non-Linked”: *D-linked* é uma expressão nominal ligada ao discurso anterior, com um nome explícito.

²² Ver também Duarte (2000).

a'. *Não sei que o João comprou.

b. Não sei o que comprou o João.

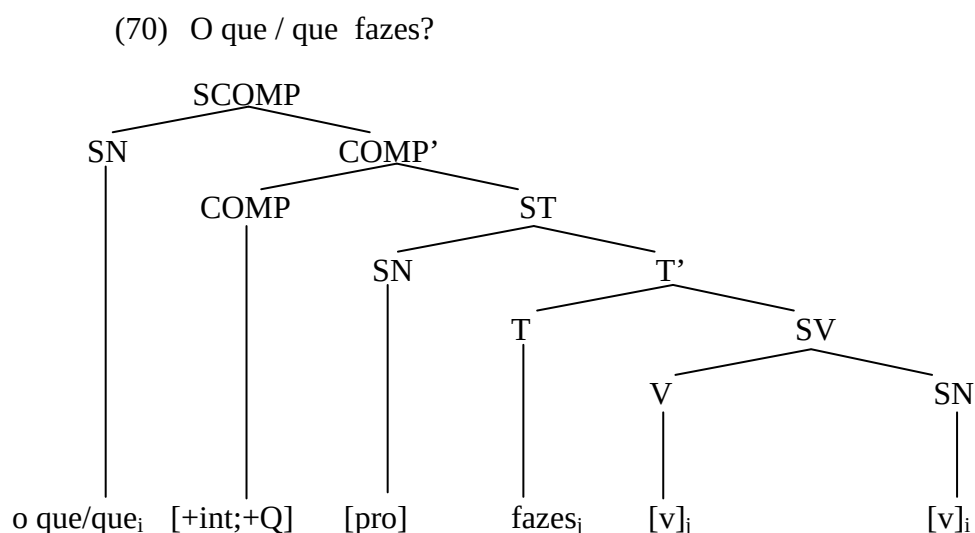
b'. Não sei o que o João comprou.

Com base nos exemplos, Ambar (1992) estabelece a distinção entre dois tipos de constituintes Q interrogativos segundo integram ou não um N foneticamente realizado (Q+N – “D-linked” e Q simples – “Não D-linked”), fazendo corresponder a esta bipartição a oposição entre inversão facultativa e inversão obrigatória sujeito-verbo.

Assim, tanto em (66a) como em (68a), *que/o que* e *quando*, respectivamente, “escondem” uma categoria vazia que precisa de ser regida. O movimento do V para C é a estratégia que “salva” a construção. Em (67a) e (67a') com o constituinte *que vinho* não há qualquer categoria vazia e o movimento do V para C não é obrigatório; o V move-se para Flex mas pode ou não mover-se para C/COMP.

Brito (2003) aplica e desenvolve o trabalho de Ambar (1992), analisando uma frase interrogativa através da categoria funcional SCOMP; tendo o núcleo, COMP/C, caracterizado pelos traços [+Int; +Q].

Nestas frases, os morfemas ou sintagmas interrogativos são engendrados basicamente numa posição interna à frase e são movidos para uma posição à esquerda após aplicação de movimento-Q (Brito, 2003:465), como em (70):



A presença dos traços [+INT; +Q] motiva o movimento para a esquerda dos constituintes interrogativos (*o que / que*) para a posição de Especificador de SCOMP,

em (70). Ao movermos os constituintes-Q (*o que / que_i*), tais constituintes deixam um vestígio co-indexado.

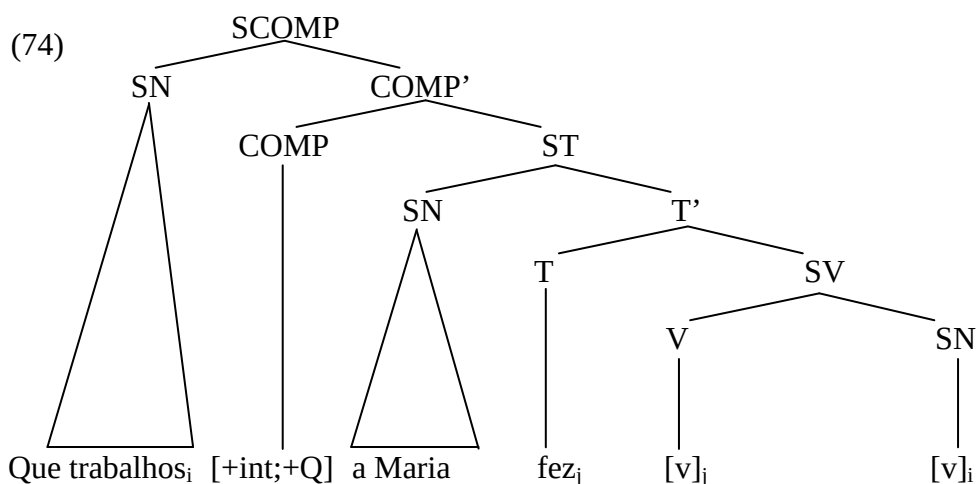
Em relação à alteração da ordem de palavras (inversão sujeito-verbo) nas frases interrogativas parciais, Brito (2003:471) corrobora a opinião avançada por Ambar (1992), ao referir que o movimento-Q no PE é acompanhado de alteração obrigatória da ordem de básica de palavras com advérbios ou SN simples (não *D-linked*); por isso, somente as frases (71a) e (72a) com o sujeito pós-verbal são gramaticais, como se mostra nos exemplos:

- (71) a. Onde trabalha a Maria?
 b. *Onde a Maria trabalha?
- (72) a. O que leu a Maria?
 b. *O que a Maria leu?

No entanto, quando os constituintes interrogativos têm uma estrutura mais pesada, mais complexa, i.e., formados por especificador ou quantificador interrogativos e por um N realizado foneticamente (*que + N, qual + N, quanto + N*, isto é, *D-linked*) o sujeito pode estar tanto na posição pré-verbal como na pós-verbal; sugerindo-se que, quando não há alteração da ordem de palavras, como em (73b), há movimento do V mas mais curto do que em (73a), isto é, para T e não para COMP:

- (73) a. Que trabalhos fez a Maria?
 b. Que trabalhos a Maria fez?

Vejamos em (74), a estrutura simplificada de (73b):



Vemos que em (74) o verbo apenas se desloca (num movimento mais curto) para T, para obter os traços de tempo. E não há qualquer outro movimento do verbo para COMP, pois com um interrogativo SN complexo, as duas possibilidades são válidas, ou seja, pode não se dar a inversão sujeito-verbo e a frase continua gramatical.

Em relação às frases interrogativas em que temos a presença de um auxiliar e de uma inversão, Ambar (1992) diz que o sujeito pode, nestas construções, ocorrer em posição pós-verbo auxiliar, pós-verbo principal e em posição final. Vejamos os exemplos:

- (75) a. Que tem a Maria feito?
b. Que tem feito a Maria?

A primeira destas posições (75a) parece no entanto mais natural que a segunda (75b). Esta situação mantém-se nas encaixadas, como mostra o exemplo:

- (76) a. Não sei que tem a Maria feito.
b. Não sei que tem feito a Maria.

As frases em (77) mostram que, quando o sujeito é pronome, a sua ocorrência em posição final de frase é marginal. Comparem-se as frases:

- (77) a. Onde tem ele posto os livros?
b. */? Onde tem posto os livros ele?

2.3.1.2. A sequência “é que” e a inversão sujeito-verbo

Ambar (1992) considera que sempre que a inversão SU-V se apresenta como obrigatória, como em (71) e (72), o Português pode recorrer alternativamente a outra estratégia, o uso do *é que*, para resolver a agramaticalidade das frases, como ilustram os exemplos:

- (78) Onde é que a Maria trabalha?
(79) Onde é que trabalha a Maria?

Sobre o mesmo assunto, Duarte (2000) assevera que a sequência *é que* surge gramaticalizada como um COMP/C com o traço [+F_(oco)]. E estende a sua análise às interrogativas-Q encaixadas (cf. (80)-(81)) e às interrogativas-Q múltiplas (cf. (82)):

(80) Quero saber o que é que o corvo comeu.

(81) Não sei onde é que moram os meninos.

Nas interrogativas-Q múltiplas em PE, uma vez desambiguado por efeito da deslocação de um sintagma-Q para a posição de [Esp, C], COMP/C pode verificar os traços dos restantes sintagmas-Q (Duarte, 2001:121):

(82) *O que é que deste a quem?*

Quer dizer, *é que* é uma forma de focalização das interrogativas e de acordo com Duarte ocupa a posição de COMP/C.

2.3.1.3. Interrogativas-Q sem movimento Q – Q *in situ*

Em relação às interrogativas-Q *in situ*, Duarte (2000) afirma que, por razões de economia, os constituintes-Q podem permanecer *in situ*, e a interrogativa-Q é interpretada como interrogativa de eco no PE, pois a existência de um C/COMP sem realização lexical com os traços [+wh, +F] pode legitimar o sintagma-Q *in situ*, como se mostra nos exemplos abaixo:

(83) O corvo comeu *o quê?*

(84) Viu *quem?*

Duarte sugere, portanto, que nas interrogativas *in situ* não opera o movimento Q. No entanto, desenvolvendo Rizzi (1997) e (2004), Ambar (2006) sobre este tipo de interrogativas, assume que o domínio CP se desdobra em diferentes projeções, e propõe a seguinte estrutura para as interrogativas-Q *in situ*:

(85) O Pedro encontrou quem?

(i) XP [_{AssertiveP} [_{Assertive'} [XP [_{WhP} quem_i [_{Wh'} [_{FocusP} [_{Focus'} t_i [XP [_{IP} O Pedro encontrou t_i]]]]]]]]]

(ii) XP [_{AssertiveP} [O Pedro encontrou t_i] k [_{Assertive'} [XP [_{WhP} quem_i [_{Wh'} [_{FocusP} t_i [_{Focus'} [XP [_{IP} t_k]]]]]]]]]

Assim, as análises de Duarte (2000) e Ambar (2006) relativamente às interrogativas com Q *in situ* diferem radicalmente. Com efeito, enquanto Duarte sugere que o Q *in situ*

não se move, Ambar sugere o contrário, isto é, que o constituinte Q se move para a posição [*WhP*], e que o “resto da frase” se move para uma posição superior por “remnant movement”, como se mostra em 85 (ii)).

As representações apresentadas mostram que os autores diferem relativamente à análise da Periferia Esquerda da frase. Enquanto Duarte (2000) usa SC/CP, Ambar considera que há outras posições funcionais, num modelo próximo do de Rizzi (1997) e (2004).

Sobre esta questão da Periferia Esquerda, Amaral (2009) corrobora Ambar (2006), segundo a qual o sistema de SC/CP contém camadas que correspondem à Periferia Esquerda, representando a relação entre o conteúdo de frase (Sintagma Tempo) e o discurso, e ainda, acrescenta mais uma categoria:

- (86) [*XP* [*EvalutiveP* [*Eval'* [*AssertiveP* [*Ass'* [*XP* [*WhP* [*FocusP* [*Foc'* [*XP* [*FinP*

Amaral (2009) considera que “em estruturas interrogativas-wh, os sintagmas-wh podem estar quer na posição inicial quer *in situ*” (Amaral, 2009:19):

- (87) a. Onde vai o João?
b. *Onde o João vai?
- (88) O Pedro encontrou quem?

Apoiando-se nas ideias de Ambar, esta autora mostra que, por um lado, o Q-inicial em (87a) resulta da aplicação de movimento do sintagma-Q para uma categoria funcional à esquerda (Int, AssP e/ou EvalP); tratando-se de um sintagma-Q simples, a inversão sujeito-verbo é obrigatória; caso o movimento não opere, a interrogativa torna-se agramatical, como em (87b).

Por outro lado, em (88), desenvolvendo Ambar (2006), Amaral considera que o Q *in situ* resulta da aplicação de *movimento remanescente* (*remnant movement*) do resto da frase para uma categoria funcional na periferia esquerda (TopP, AssP e/ou EvalP), após extração do sintagma-Q para a categoria [*WhP*] nas interrogativas-Q (Amaral, 2009:121-122).

Relativamente à inversão sujeito-verbo nas interrogativas *in situ*, Amaral considera que ocorre a inversão sujeito-verbo apenas com um sintagma-Q-inicial e nunca com um *in situ*, como se mostra nos exemplos em (89):

(89) a. *Vais tu onde?

b. Tu vais onde?

Como podemos ver, há diferentes visões sobre o fenómeno de morfemas interrogativos *in situ*: “não opera o movimento Q, portanto, o morfema Q permanece na sua posição” Duarte (2000); “opera o movimento Q para uma categoria *WhP*, mas o “resto da frase” sobe ainda mais, para uma categoria superior” (Ambar, 2006) e (Amaral, 2009).

Iremos voltar a este ponto aquando da análise das interrogativas *in situ* no PM, com outras formas de tratamento deste fenómeno para o Português, como são os casos de Brito (2003) e Alexandre (2009).

2.3.2. Interrogativas-Q no Português Brasileiro

As interrogativas-Q do PB distanciam-se em alguns aspetos das do PE. Nesta variedade do Português, por exemplo, não se dá a inversão sujeito-verbo nas interrogativas-Q; há preferência por interrogativas com *Q in situ* e são possíveis construções com o «COMP duplamente preenchido», como vamos ver.

2.3.2.1. Com movimento Q para Esp de SCOMP/CP e com movimento do V para COMP

De acordo com o *corpus* (metade do século XX) analisado por Lopes Rossi (1993), apenas 13% das ocorrências revelam interrogativas com V+I para C:

(90) Onde moram os meninos?

Este tipo de construções ocorre preferencialmente com verbos existenciais, com destaque para verbos copulativos (Lopes Rossi, 1993:329).

No PBM (Português Brasileiro Moderno) houve uma mudança do valor do parâmetro de movimento de V; na visão de Lopes Rossi (1993:331), este fenómeno está

relacionado com o enfraquecimento da concordância verbal do PBM, o que sustenta a hipótese de este fenómeno estar relacionado com a mudança na aplicação do critério-Q de Rizzi (1996). Quer dizer, há movimento Q, mas o V não se move, necessariamente, para COMP.

Por outras palavras, passa-se a optar por interrogativas-Q sem a inversão sujeito-verbo, quer se use ou não se use a sequência *é que*. Assim se explica a existência de frases que vamos referir no parágrafo seguinte.

2.3.2.2. Sem V+I para C/COMP e com/sem *é que*

Observemos os exemplos:

- (91) Onde você estuda?
- (92) O que você fabrica aqui?
- (93) Não sei onde o Pedro mora.

A gramaticalidade e a frequência crescente de interrogativas deste tipo sugerem que existe, em competição com uma gramática que é igual à do PE, uma gramática inovadora do PB sem movimento de V para COMP. As interrogativas como as de (91) e (92) correspondem a 18% de ocorrências, no *corpus* escrito analisado por Lopes Rossi.

Do mesmo modo, Duarte (2000) comparando as duas variedades do Português (PE e PB) considera que o PB, diferentemente do PE, não fixa o valor positivo para o Parâmetro C de Cheng & Rooryck (2000), porque o movimento do verbo é opcional (Duarte, 2001:125):

- (94) a. Onde o Pedro mora?

Quer dizer, verifica-se a ausência da inversão sujeito-verbo. Também Mioto & Kato, (2005:175) referem que o PB não exige que a expressão Q e o verbo finito estejam adjacentes, encontrando-se tanto em exemplos como (95), com movimento do V, como em (96a), sem movimento do V:

- (95) Como reagiu Adriano Pinto?
- (96) a. Com quem o senhor prefere disputar?

b. *Com quem prefere o senhor disputar?

Sobre as interrogativas do tipo *Qu é que* e *Qu que*, Rossi considera que estes dois tipos de interrogativa são as mais utilizadas na segunda metade do séc. XX. Devido ao desaparecimento do movimento de V, “é coerente afirmar que nesse tipo de interrogativa há apenas movimento de Q” (Lopes Rossi, 1993:330). Alguns exemplos da autora, uns com *é que*, outros com *que*:

(97) Por que *é que* ele não veio com você?

(98) Por que *que* você foi provocar ela?

(99) O que *é que* você escolhe?

(100) O que *que* você pode trazer prá que isso não aconteça?

Para descrever este fenómeno, Duarte (2000) considera que, tal como acontece no PE, a estratégia em que *é que* surge no PB como gramaticalização de um COMP com traço [+Foco], quer nas interrogativas parciais diretas, quer nas indiretas:

(101) Quem *é que* você viu na festa?

(102) Não sei onde *é que* moram os meninos.

Mas um dos fenómenos característicos do PB é, sem dúvida, a existência de interrogativa Q em que o COMP é «duplamente preenchido», como se ilustra em (103); Duarte (2001:126) sugere que em PB “existe uma gramática inovadora que reanalisou *é que* = C [+Foco] como *que* = C [+Foco]”²³:

(103) Como *que* você veio?

Vimos no capítulo 1 que este fenómeno, antes chamado «COMP duplamente preenchido» consiste, de facto, na coexistência de um constituinte WH/Q em Esp de SC e de C preenchido. Mioto & Kato (2005) também advogam que esta estratégia insere o complementador *que* logo após a expressão Q e que esta construção é exclusiva do PB, nunca surgindo em PE.

²³ Autores como Mioto & Kato (2005) e Lopes Rossi (1993) consideram que este fenómeno resulta do apagamento da cópula de uma clivada.

2.3.2.3. O fenómeno Q *in situ* no PB

Além de aparecer deslocada para uma posição à esquerda, a expressão Q também pode permanecer *in situ* no PB²⁴, como exemplifica a frase em (104):

(104) Você saiu de lá *como*?

Como se pode ver, o movimento Q não é mais obrigatório nesta variedade do Português. Miotto & Kato (2005:175) observam que na frase (104) na periferia esquerda não há qualquer elemento que denote que se trata de uma interrogativa. Se nesta posição da estrutura aparecer o complementador *que*, a frase torna-se agramatical:

(105) **Que* você saiu de lá *como*?

No PB, como mostra (105), fica impedida a presença do complementador *que* se a expressão Q se mantém *in situ*. Além disso, a expressão Q não pode manter-se *in situ* se tivermos uma interrogativa clivada:

(106) **É que* você estava em 82 *onde*?

Voltando a este fenómeno em trabalho recente, Kato (2013) compara no seu texto o PB e o Francês e considera que o Português Brasileiro é uma língua com e sem movimento Q, possuindo propriedades similares às do Francês, como se pode constatar nos exemplos de (107):

(107) a. Quem (que) você viu?

b. Você viu quem?

c. Você viu a Maria?

d. Qu'est-ce que tu as fait?

e. Tu as fait quoi?

f. Est-ce que tu as acheté un Ipad?

Na frase (107a) temos uma interrogativa-Q com o constituinte-Q na posição inicial, que pode ocorrer com ou sem *que*; a frase (107b) pode ter duas leituras: (i) pode ser uma interrogativa parcial direta que tem um Q *in situ* com nenhum elemento visível em

²⁴ Os dados analisados por Lopes Rossi (1993) revelam uma grande percentagem de interrogativa com Qu não movido, *in situ* (do tipo NP V Qu).

COMP; (ii) pode ser uma interrogativa-eco que deve ter um *Q in situ* e também não tem nenhum elemento visível em COMP; (107c) é uma interrogativa total *sim/não* sem nenhum elemento em COMP. Os exemplos em (107d)-(107f) ilustram interrogativas similares em Francês.

Apesar das semelhanças entre estas duas línguas, Kato (2013:178) considera que existem algumas características prosódicas que são particulares ao PB: (i) existe a entoação ascendente somente nas interrogativas-eco (cf. 108a); (ii) entoação descendente se o *Q* permanecer *in situ* numa interrogativa parcial direta (cf. 108b); (iii) entoação ascendente nas interrogativas totais *sim/não* (cf. 108c):

- (108) a. O João comprou *o que*? ↑
- b. O João comprou *o que*? ↓
- c. O João comprou o livro? ↑

Quer dizer, segundo Kato, as interrogativas *sim/não* (108c) e as interrogativas com o *Q-in-situ* do PE e do Francês partilham a mesma entoação ascendente. Em (108b), a presença de um operador interrogativo final inibe o movimento do constituinte-*Q*.

No entanto, esta análise não pode totalmente ser aplicada ao PB, pois a entoação ascendente das interrogativas *sim/não* difere da entoação descendente das interrogativas *Q in situ*, como no exemplo (109b):

- (109) a. O João comprou um livro?
- b. O João comprou *o que*?

Com efeito, Kato (2013:180) nota distinções prosódicas em exemplos do PB como os seguintes:

- (110) a. O João comprou *o que*? ↑
- b. O João comprou um livro? ↑
- c. O João comprou *o que*? ↓
- d. *O que que* o João comprou? ↓

e avança algumas hipóteses sobre os exemplos apresentados: a interrogativa-eco (110a) com a entoação ascendente, é um caso real de *in situ*, e a entoação é dada pelo

operador interrogativo mudo/nulo Q, o mesmo que da interrogativa *sim/não* em (110b), tal como propõem Cheng & Rooryck (2000).

No que diz respeito à entoação das *interrogativas sim/não*, Kato assume que o PB tem um operador interrogativo nulo e a oração é o complemento desse operador (cf. 111a), e que, nestes casos, é a frase (ST) que é movida para posição de Esp de COMP, justificando a entoação ascendente (cf. 111b)²⁵:

(111) a. Q [O professor chegou]? ↑

b. [_{CP} [_{TP} [O professor chegou]_i] [_{C'} Q [_{ST} t_i]]]

Quanto às interrogativas *Q in situ*, Kato mostra que existem dois tipos de *in situ* no PB: as interrogativas-eco, que apresentam uma entoação ascendente, e as interrogativas *in situ*, que têm a entoação descendente (Kato, 2013:181), como mostram os exemplos (112) e (113), respetivamente²⁶:

(112) O professor viu quem? ↑

(113) O professor viu quem? ↓

Para Kato, a interrogativa-eco de (112) é uma forma elíptica de (114), em que a frase surge como complemento de uma frase introdutora de discurso indireto:

(114) [_{CP} [_{TP} Você disse [que O professor viu quem]]_i] [_{C'} Q [_{TP} t_i]]]?

Quanto à interrogativa *Q in situ* como (113), com entoação descendente, elas são falsas *in situ*.

Na frase (112), apesar de o elemento interrogativo estar na posição *in situ*, Kato mostra que, mesmo assim, *quem* move-se para uma posição designada FP, à beira de VP, requerendo nesta posição uma queda prosódica, o que elimina o efeito do operador Q na entoação da frase (Kato, 2013:183):

(115) [_{IP} você viu [_{FP} quem [_{VP} t_{você} t_{viu} [_{VP} [t_{viu} t_{quem}]]]]] ↓

Este tipo de interrogativa tem a mesma entoação que as frases declarativas:

²⁵ Em casos em que os autores usam por siglas em Inglês, optamos por mantê-las, como é o caso de Kato (2013).

²⁶ Além da entoação há também uma diferença de acento de intensidade no morfema *in situ* nas duas interpretações.

(116) Chegou a Maria. ↓

O PB, contrariamente ao PE, não licencia a posição pós-verbal dos sujeitos com verbos transitivos, e não temos *Q in situ* com os sujeitos pospostos com este tipo de verbos:

(117) Telefonou [A Maria] ↓ PE PB

(118) Telefonou *quem?* ↓ PE PB

(119) Comprou os CD's *quem?* PE *PB

Para sustentar este seu tratamento de que o *Q in situ* interrogativo é um falso *Q in situ*, Kato considera que os adjuntos adverbiais múltiplos de frases declarativas ocorrem no final de frase (cf. 120a). Quando os constituintes-Q são movidos, eles aparecem coordenados (cf. 120b, 120c), quando não são movidos não é possível os dois constituintes-Q adjacentes surgirem *in situ*, sem ser coordenados, como em (120d):

(120) a. Maria nasceu na Bahia em 1980.

b. Onde e quando Maria nasceu?

c. Maria nasceu onde e quando?

d. *Maria nasceu onde quando?

Pelo contrário, em interrogativas-eco, apenas um constituinte deve aparecer *in situ*. Em caso de haver mais de um constituinte *in situ*, uma prosódia diferente deve ser usada (Kato, 2012:185):

(121) a. A Maria nasceu onde? ↑ Quando? ↑

b. * A Maria nasceu onde quando? ↑

c. */? A Maria nasceu onde e quando? ↑

Por sua vez, nas interrogativas clivadas do Português Brasileiro, a cópula pode ocorrer na posição inicial, diferentemente do Português Europeu:

(122) a. Onde é que tu foste? PE PB

b. (É) onde que tu foste? *PE PB

A autora concluiu então que o PB praticamente perdeu o movimento do constituinte-Q para a posição esquerda da frase. Esta variedade do Português perdeu não só o

movimento de V+I para C, preservado pelo PE²⁷, mas também o movimento para especificador de CP. Tendo como base Belletti (1998) para o Italiano, que considera que há uma posição de Tópico do sujeito na periferia esquerda de VP, Kato considera que o único movimento possível no PB é para uma posição baixa que chama de FP (*Functional Phrase*), perto de VP (SV), como descrito em (115).

Kato conclui que em PB não pode ser analisado como opcional o movimento Q, pois, nesta variedade, o constituinte-Q interrogativo é sempre movido, mesmo em casos em que se mantém *in situ*, i.e., dá-se um movimento mais curto para a periferia de VP.

2.4. Síntese do Capítulo

Neste capítulo fizemos uma análise das interrogativas Q no PE e no PB. Apresentámos algumas das abordagens de linguistas portugueses e brasileiros sobre estas interrogativas nas duas variedades do Português. Estes autores são unânimes em apontar as seguintes diferenças entre as interrogativas Q no PE e no PB:

- (i) No PE, o movimento Q para início de frase deve ser acompanhado de inversão sujeito-verbo. Exceptuando-se apenas os casos em que tivermos um constituinte “*D-linked*” ou uma sequência “*é que*”, enquanto o PB não exige que a expressão Q e o verbo finito estejam adjacentes;
- (ii) O PB admite construções com «COMP duplamente preenchido»; este tipo de construções é agramatical no PE.

Apesar disto, estes autores divergem nas perspectivas de abordagem estrutural das interrogativas Q, sobretudo no que concerne à análise da periferia esquerda de frase e às interrogativas Q *in situ*. Vejamos as principais ideias:

- Enquanto Duarte (2000) usa SCOMP (SC) para descrever a estrutura de interrogativa Q, Ambar (2006) e Amaral (2009) consideram que há outras posições funcionais, num modelo próximo do de Rizzi (1997) e (2004).
- As análises de Duarte (2000) e Ambar (2006) relativamente às interrogativas com Q *in situ* diferem radicalmente. Com efeito, enquanto Duarte sugere que o

²⁷ Ver Ambar, 2003.

Q *in situ* não se move, Ambar sugere que o constituinte Q se move para a posição [*WhP*] e que o “resto da frase” se move para uma posição superior, por “*remnant movement*”.

- Sobre o *in situ* no PB, Kato (2013) considera que há, nesta variedade do Português, dois tipos de *in situ*: a verdadeira interrogativa com entoação descendente e a interrogativa-eco com entoação ascendente. Para dar conta do *in situ* em eco, Kato sugere que não há movimento Q mas que a frase se move para Especificador de um complemento interrogativo nulo. E nas interrogativas Q *in situ* com entoação de verdadeira interrogativa, esta autora sugere que há um movimento menor, para a periferia de SV/VP.

Na análise das interrogativas Q do PM, vamos servir-nos de muitas das propostas que têm sido feitas para o PE e para o PB, sempre que se justificarem.

CAPÍTULO III

AS INTERROGATIVAS PARCIAIS DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1. Introdução

Tendo como propósito fundamental desta pesquisa estudar certas tendências de variação nas interrogativas parciais no Português de Moçambique, neste capítulo fornece-se, em primeiro lugar, o enquadramento socio-histórico da língua portuguesa em Moçambique. Em seguida, apresenta-se os dados fundamentais com que trabalhamos, em particular o resultado dos inquéritos aplicados aos informantes, e finalmente, uma análise sintática dos fenómenos encontrados.

3.2. Enquadramento socio-histórico e a Gramática do Português de Moçambique

Neste estudo daremos primazia à *situação atual do português em Moçambique*, isto é, nas palavras de Perpétua Gonçalves, à terceira fase, «a fase de implementação» (1975 até hoje), ainda que se reconheça que “a difusão e o estatuto do português resultam de um longo processo histórico, que teve o seu início com a chegada dos portugueses a este país, em 1498.” (Gonçalves, 2010:27)

Com a independência (1975), a ampla difusão e valorização social da língua portuguesa intensificou o seu estatuto de língua de prestígio, anteriormente promovida pelas autoridades portuguesas²⁸ e como consequência aumentou o número de falantes da comunidade (urbana) moçambicana que se apropria desta língua.

Diferentemente do que aconteceu noutros contextos de contacto de línguas, aqui não houve condições favoráveis ao desencadeamento de um processo de pidginização/crioulização do português. Em Moçambique, de uma forma geral, a aquisição do português não ocorreu no quadro de uma «transmissão linguística irregular», como acontece muitas vezes em países que dão origem a crioulos. (Gonçalves, 2010:36)

A situação linguística de Moçambique caracteriza-se pelo plurilinguismo, isto é, pela coexistência com o Português de cerca de vinte línguas bantu (línguas maternas de grande maioria da população).

²⁸ Ver também Firmino (2002).

Das línguas bantu faladas no país, nenhuma tem o estatuto maioritário, sendo que mesmo a língua com maior número de falantes, o macua, é falada apenas por cerca de 26,3% da população (Gonçalves, 2010:26). Por seu turno, o português é falado como L2 por 39,5% da população, sendo o Português L1 de apenas 6,5% dos falantes, como ilustra o quadro abaixo:

QUADRO 1. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR LÍNGUA MATERNA

LÍNGUA MATERNA	PERCENTAGEM DE FALANTES
Macua	26,3
Changana	11,4
Lomwe	7,9
Sena	7
Português	6,5
Chuabo	6,3
Outras línguas bantu	33
Outras (LE; «nenhuma» e «desconhecida»)	1,8

(Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE), Moçambique, 1997).

Como consequência do estatuto de L2 do Português para a maior parte dos seus falantes, há fenómenos de mudança e de variação das regras e traços gramaticais específicos da sua gramática, maior do que aquela que se verifica em línguas adquiridas como L1²⁹, o caso especial do Brasil.

Tendo estudado o PM no final dos anos oitenta e princípio dos anos 90, Carvalho (1991) considera que esta encontra-se numa fase de «variância não consolidada» tornando-se difícil estabelecer um conjunto significativo de propriedades gramaticais partilhadas de forma estável pela comunidade moçambicana³⁰. Porém, nos seus textos mais atuais, Gonçalves (2010) assume que o PM possui hoje uma gramática mais consolidada e distanciada da variante europeia, tida como referência.

²⁹ Gonçalves (2010:37) “defende que muitos locutores têm «competências múltiplas» em português, sendo o seu discurso gerado por traços e regras não só do PE como da «nova» gramática.”

³⁰ Bacelar de Nascimento *et al* (2008:76) constatarem que, «na maior parte das construções estudadas, são mais frequentes os usos normativos do que os usos desviantes» (*apud* Gonçalves, 2010:37).

A caracterização da gramática do PM é igualmente condicionada pelo reduzido número de estudos disponíveis sobre as suas especificidades.

No que concerne ao tema que nos propomos estudar, até onde conseguimos averiguar, não existem trabalhos sobre as *Interrogativas Q no Português de Moçambique*³¹; destacando-se apenas o artigo de Elda Santos (2009) e um trabalho não publicado de Geraldo Macalane [s/d], sobre as interrogativas nas línguas bantu em que algumas considerações comparativas são elaboradas.

Este trabalho procura analisar as produções de interrogativas parciais do PM, tentando descrever sintaticamente as inovações que se registam relativamente ao padrão europeu.

3.3. Aquisição e aprendizagem da língua portuguesa: O Português no contexto das línguas maternas em Moçambique

Como referimos no ponto acima, apenas 6,5% da população moçambicana fala o Português como língua materna e 39,5% dos moçambicanos tem como língua materna uma das línguas bantu; portanto, o Português encontra-se em contacto muito estreito com outras línguas que são L1 da maioria dos falantes e isso tem consequências em todos os níveis da sua gramática.

Quer dizer, olhando para a realidade sociolinguística de Moçambique, podemos concluir, suportando-nos em Lindonde (2002:119), que “no território moçambicano convivem provavelmente três tipos de falantes: (1) os que falam unicamente uma das línguas do grupo bantu; (2) os que falam o Português e uma das línguas bantu; (3) os que falam o Português como língua materna.”

Considerando os dados estatísticos do Censo 1997 e os de 2007, podemos afirmar que o Português, em Moçambique, é tipicamente uma L2, havendo um número reduzido de falantes que tem o Português como língua materna.

³¹ O Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE) confirmou-nos que não existe sequer uma base de dados (*corpora*) sobre as interrogativas no PM.

Os estudos sobre a aquisição de línguas não maternas (L2 para uns e LE para outros) seguem diferentes perspectivas.

Do ponto de vista da aquisição da língua, “a perspectiva de que o conceito de L2 é semelhante ao de LE não é aplicável ao caso da língua portuguesa em Moçambique, porquanto, a L2 pode ser adquirida também em contexto informal, nomeadamente, em casa, em paralelo com a LM, sendo o Português L2 usado como língua alternativa de comunicação familiar” (Santos, 2010:21).

Esta discussão em torno da distinção entre LE e L2 levou Perpétua Gonçalves a afirmar que “no meio rural, onde prevalece o uso das línguas locais, da família bantu, e onde o principal *input* em Português para os aprendentes é fornecido em contexto instrucional, este tem de ser tomado como uma língua estrangeira.” (Gonçalves, 2010:9)

Apesar da dificuldade de distinção entre L1/L2/LE, na presente dissertação assumimos que em Moçambique a L1 deve ser entendida como língua materna, a primeira língua com que normalmente a criança inicia a sua socialização, isto é, a língua dos seus progenitores; e a L2 tem a ver com a língua usada como principal língua de comunicação (língua da comunidade ou língua de comunicação mais ampla).

Atualmente, o Português de Moçambique é oficialmente regulado pela norma europeia; embora adaptada à realidade deste país, tal não traduz o contexto social, político e cultural em que é aplicado, o que leva muitas vezes o sistema educativo moçambicano, na opinião de Dias (2004:3), ao insucesso ou fracasso escolar no ensino e aprendizagem do Português dos alunos (monolíngues ou bilíngues) por usarem uma variedade diferente da escolar.

Tendo em conta o que foi exposto, uma questão a investigar será saber se se aplicam, na aprendizagem da L2, as mesmas estratégias utilizadas na aquisição da L1?

Para responder a esta questão, haveria que se distinguir os “desvios” resultantes do processo de aprendizagem do Português daquilo que são características peculiares do Português de Moçambique.

Nos estudos sobre o Português de Moçambique, os linguistas são unânimes em afirmar que no Português oral em Moçambique ocorrem realizações linguísticas de algum modo “estranhas” à norma do Português europeu, as quais podem resultar da transposição de estruturas linguísticas (fonológicas, morfológicas, sintáticas e até semânticas) próprias das línguas bantu para a língua portuguesa, o que Firmino (1998) chamou de fenómeno de “nativização”.

Testando esta hipótese de possível transferência de estruturas sintáticas da LB para o Português à produção de interrogativas Q do Português de Moçambique, Macalane (s/d) estudou o movimento Q nas interrogativas parciais do PM, do Tsonga e do Nyanja, tendo verificado, a partir da análise de dados de *corpora* das três línguas em estudo, que existem certas semelhanças nas propriedades destas línguas. Por exemplo, as estruturas clivadas³² do PM obedecem à sequência *ser [SQ] que SV* e assemelham-se às interrogativas com o movimento Q quando são iniciadas pela sequência: *hi [SQ] SV*, como se mostra em (123) e (124)³³:

Tsonga:

- (123) Hi [ncini] angaxava papai
 hi [SQ] SV

PM:

- (124) É [o quê] que o papá comprou
 ser [SQ] que SV

Em Nyanja, as interrogativas parciais de OI tendem a ser realizadas com o Q *in situ*, tal como em PM, como ilustram os exemplos (125) e (126):

- (125) Ofereceste [quem] o pão?
 (126) Baba ampatsa [ndandi] bukhu?

Apesar destas semelhanças, Macalane chega à conclusão, que corroboro, de que a forma das interrogativas nestas línguas bantu e no PM manifesta-se de forma diferente.

³² Estas construções não constituem o objeto de estudo na presente dissertação. Trouxemos esses exemplos para mostrar a possível interferência ou transferência de estruturas sintáticas de interrogativas Q das LB para o PM.

³³ 124 é glosa de 123.

E acrescento ainda o facto de, através da nossa pesquisa, termos encontrado semelhanças entre as interrogativas do PM e as do PE e do PB, apesar de Portugal e Brasil serem comunidades monolingues.

3.4. Questões Metodológicas e recolha de dados

Nesta secção apresentamos a metodologia usada na recolha dos dados e os resultados obtidos.

Pelo facto de não existir um *corpus* de interrogativas Q já constituído no *INDE de Moçambique* (Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação) e nem mesmo no *corpus* de *Variedades Africanas do Português* no CLUL, a realização da pesquisa sobre a produção de interrogativas parciais pelos falantes do PM implicou a adoção de certas medidas sobre a natureza dos dados a recolher e sobre os materiais, procedimentos e tratamento dos dados recolhidos.

Assim, o *corpus* sobre o qual trabalhamos é constituído a partir de quatro fontes: (i) o referido artigo de Santos (2009); (ii) uma amostra constituída por frases obtidas a partir de tarefas de produção escrita provocada; (iii) juízos de gramaticalidade produzidas por falantes moçambicanos perante algumas frases fornecidas. Tanto em (ii) como em (iii) trata-se de estudantes dos cursos propedêuticos universitários (CPU's) da Universidade Pedagógica Sagrada Família de Maxixe. A par destes dados, sendo eu moçambicano e falante do Português como L2, servi-me da minha própria competência linguística na recolha das interrogativas.

3.4.1. A natureza dos dados

Com o objetivo de descrever as interrogativas Q no PM e tendo em conta a escassez e a dificuldade de obtenção de dados reais produzidos por moçambicanos, procedemos à aplicação de um *teste de eliciação* (envolvendo a produção provocada e de juízos de gramaticalidade por parte dos falantes), que permitiram criar uma base de dados específica para a natureza desta pesquisa.

O teste aplicado aos informantes tinha como objetivo perceber como os falantes moçambicanos ajuízam ou consideram enunciados interrogativos parciais, ou como

produzem interrogativas de acordo com vários fatores. Em particular interessava-nos perceber:

- (i) como atua o movimento Q no PM;
- (ii) se ocorrem interrogativas Q *in situ*;
- (iii) a ocorrência ou não no PM de interrogativas com «COMP duplamente preenchido»;
- (iv) se a «inversão SU-V» no contexto-Q nas interrogativas Q é obrigatória, proibida ou opcional no PM.

A opção pelas tarefas de produção provocada e de juízo de gramaticalidade deve-se ao facto de ter sido difícil recolher dados de interrogativas-Q em contexto de fala espontânea; através destas tarefas podemos “elicitare certos aspetos que o pesquisador queira testar” (Selinger & Shohamy, 1989:177 *apud* Justino, 2011:6) e, por outro lado, torna-se necessário obter um *corpus* robusto com estruturas que pudessem ser alvo de análise.

Assim, o estudo conta com dois *corpora* escritos recolhidos junto de 87 informantes, com o mesmo nível de escolaridade (12º ano), para além de exemplos recolhidos em Santos (1999) e de exemplos produzidos por mim próprio.

3.4.1.1. O *Corpus* escrito

No presente estudo, identificámos e inquirimos oitenta e sete (87) estudantes dos cursos propedêuticos da Universidade Pedagógica Sagrada Família, com perfis diferentes quanto ao sexo, idade, língua materna, entre outras variáveis. O quadro abaixo apresenta os números e a percentagem das variáveis analisadas:

QUADRO 2: VARIÁVEL INDEPENDENTE: NÚMEROS E PERCENTAGENS

Variável Independente		Número	Percentagem (%)
Sexo	Masculino	44	50,6%
	Feminino	43	49,4%

Idade	17-24	31	35,6%		
	25-45	52	59,7%		
	+45	4	4,7%		
Naturalidade	Inhambane	30	34,5%		
	Maxixe	14	16,1%		
	Maputo	4	4,6%		
	Centro de Moç.	1	1,1%		
	Norte de Moç.	2	2,2%		
	Outras cidades	36	41,5%		
	Português (LP)	23	26,4%		
Língua Materna	Língua Bantu (LB)	64	73,6%		
Língua de Uso Corrente	Família e Amigos	Família	Amigos	Família	Amigos
	Português	36	63	41,4%	72,4%
	Língua Bantu	51	24	58,6%	27,6%

A amostra foi recolhida de forma aleatória e por conveniência, selecionada de acordo com a conveniência do investigador e de acordo com os objetivos do trabalho.

Quanto ao perfil sociolinguístico dos informantes inquiridos, verificamos que, relativamente à variável *sexo*, 50,6% são do sexo masculino, e 49,4%, do sexo feminino.

Quanto à variável *idade*, os informantes situam-se entre os 17 e os 50 anos de idade. Mais da metade da população está na faixa etária jovem adulta entre 25 e 45anos (59,7%). A restante população distribui-se entre população jovem com idade compreendida entre 17 e 24anos (35,6%) e uma população adulta com mais de 45anos (4,7%). A média de idade dos informantes é $M=28,39$.

No que se refere à *naturalidade*, os inquiridos são, na sua maioria, 34,5%, de Inhambane, seguido de Maxixe, com 16,1%. Destaca-se ainda alguns informantes da capital do país (4,6%); do centro do país (1,1%) e do norte do país (2,2%)³⁴.

³⁴ Informantes com língua materna diferentes da dos demais. Ex.: Macua.

Relativamente à *língua materna*, apenas $\frac{1}{4}$ (26,4%) dos inquiridos tem o Português como língua materna, e os restantes $\frac{3}{4}$ (73,6%) tem uma língua moçambicana como sua L1.

Dos 87 informantes, apenas 36, que correspondem a 41,4%, falam o Português em casa com a família. Os restantes 51, correspondentes a 58,6%, falam uma língua moçambicana com a família, onde se destaca a Língua Gitonga³⁵, com cerca de 31,0%. No entanto, com os amigos, verifica-se o contrário, 72,4% da população comunica usando o Português e apenas 27,6% recorre às Línguas Bantu nas suas conversações.

(i) Material e procedimento no teste de produção provocada

O teste de produção provocada (cf. Anexo) contém 10 situações em que os falantes devem produzir uma ou duas perguntas para cada situação proposta³⁶.

Em (127), apresentamos o exemplo de uma situação:

(127) Imagine-se na situação de desejar saber *o número de províncias de Moçambique*. Como colocava a pergunta para obter tal informação?

Neste teste (127) pretendemos saber como os falantes do PM produzem interrogativas com [Q + N]; em particular, se nestas interrogativas há ou não inversão do sujeito-verbo.

(ii) Material e procedimento na tarefa de juízo de gramaticalidade

Vamos assumir que a tarefa de juízo de gramaticalidade permite aceder com relativa fidelidade ao conhecimento intuitivo do falante, embora nem sempre corresponda diretamente aos enunciados produzidos pelos falantes.

Assim sendo, construímos e aplicámos o teste de tarefa de juízo de gramaticalidade à nossa população alvo. O teste era constituído também por 10 questões; porém, neste teste as perguntas tinham alíneas (que indicavam as várias possibilidades de produção de uma mesma frase).

³⁵ Língua mais falada em Inhambane (uma das províncias do sul de Moçambique).

³⁶ Nesta tese, de acordo com o nosso objetivo, achamos por bem não dar muita atenção a estes dados. Em anexo, apresentamos a título ilustrativo, alguns resultados da tarefa de produção provocada.

Pedimos aos informantes para indicar o seu juízo de gramaticalidade relativamente às frases propostas, marcando-as com “OK” (bem formada); “?” (pouco natural ou “duvidoso”) e “*” (inaceitável e agramatical).

Em (128) mostramos, a título ilustrativo, um conjunto de frases fornecido aos informantes³⁷:

- (128) a. Quando vais à Beira?
- b. Vais quando à Beira?
- c. Vais à Beira quando?
- d. Quando é que vais à Beira?

Nesta tarefa, cada frase correspondia a um tipo de interrogativa – com o Q em posição inicial de frase (128a); com o Q numa posição média (128b); com o Q *in situ*, i.e., em posição final (128c); e com o Q em posição inicial com a sequência *é que* (128d).

3.4.2. Tratamento dos dados escritos

Após a realização das tarefas de produção provocada e de juízo de gramaticalidade procedemos à composição dos dados fornecidos pelos informantes numa base de dados através do programa SPSS. Organizámos os dados em duas variáveis, as variáveis dependentes (VD) e as independentes (VI). Nas variáveis dependentes, colocámos as respostas dos falantes relativamente às perguntas sobre os juízos de gramaticalidade (gramatical, duvidoso e agramatical). Nas variáveis independentes, agrupámos os dados inerentes aos informantes. Finalmente, relacionámos alguns dados das duas variantes para verificarmos a possível influência de algumas variáveis independentes nas variáveis dependentes.

³⁷ Apesar de constarem do nosso inquérito, as interrogativas parciais indiretas (subordinadas ou encaixadas) não são analisadas por não constituírem o nosso objeto de estudo.

3.5. As interrogativas Q do PM: uma abordagem sintática

Nesta secção, tendo como base os dados obtidos após aplicação dos inquéritos aos falantes, e também recorrendo às minhas intuições de falante desta variedade do Português, descrevem-se as interrogativas Q produzidas na variante “culto” do Português falado em Moçambique.

Encara-se como variedade culta a que se aproxima à «educada» tomando em consideração o nível de escolarização dos falantes consultados (nível médio). Segundo Gonçalves (2010:39), “as especificidades gramaticais do PM tomam como referência o português europeu padrão, pode dizer-se que estas se distribuem ao longo de um *continuum* polilectal.”

Numa visão global das especificidades das interrogativas Q do PM, tomando como referência a produção dos 87 informantes do CPU’s da Universidade Pedagógica Sagrada Família pode-se dizer que se encontram interrogativas com comportamentos semelhantes às do PE (preferência por interrogativas com movimento Q para posição inicial) e às do PB (interrogativas com movimento Q mas sem inversão do sujeito-verbo e interrogativas com o «COMP duplamente preenchido»).

Para além destas características, encontramos no PM interrogativas sem movimento (Q *in situ*) e interrogativas em que o morfema Q ocupa uma posição que chamamos *intermédia*, como se pode ver no quadro abaixo (ver anexo 3):

QUADRO 3. RESULTADOS DA TAREFA DE JUÍZO DE GRAMATICALIDADE (%)

Juízo	P1a	P1b	P1c	P1d	P2a	P2b	P2c	P2d	P2e	P2f
Gramaticalidade										
Gramatical	70.1	41.4	2.3	4.6	81.6	18.4	18.4	43.7	3.4	6.9
Duvidoso	27.6	55.2	11.5	34.5	14.9	72.4	51.7	41.4	9.2	17.2
Agramatical	2.3	3.4	86.2	60.9	3.4	9.2	29.9	14.9	87.4	75.9
Juízo	P3a	P3b	P3c	P3d	P3e	P5a	P5b	P5c	P5d	P6a
Gramaticalidade										
Gramatical	54.0	21.8	14.9	87.4	2.3	81.6	6.9	65.5	6.9	86.2
Duvidoso	27.6	62.1	46.0	10.3	27.6	13.8	33.3	28.7	29.9	11.5
Agramatical	18.4	16.1	39.1	2.3	70.1	4.6	59.8	5.7	63.2	2.3

Juízo	P6b	P6c	P6d	P7a	P7b	P7c	P7d	P7e	P7f	P8a
Gramaticalidade										
Gramatical	5.7	43.7	66.7	58.6	29.9	36.8	9.2	4.6	66.7	11.5
Duvidoso	35.6	41.4	25.3	34.5	52.9	43.7	19.5	11.5	29.9	28.7
Agramatical	58.6	14.9	8.0	6.9	17.2	19.5	71.3	83.9	3.4	59.8
Juízo	P8b	P8c	P8d	P9a	P9b	P9c	P9d			
Gramaticalidade										
Gramatical	10.3	48.3	71.3	78.2	41.4	28.7	44.8			
Duvidoso	52,9	27,6	23.0	14.9	46.0	44.8	31.0			
Agramatical	36,8	24,1	5.7	6.9	12.6	26.4	24.1			

Os dados do quadro 3 revelam que, no PM:

- (i) Há grande aceitação das interrogativas com o *Q* na posição inicial, com ou sem inversão de *SU*;
- (ii) Há presença, embora em percentagem menor, de interrogativas do tipo *Q que V, Q que V SN*;
- (iii) Há ocorrência de interrogativas com *Q* não movido, *in situ* (do tipo *SN V Q, V Q, pro V SN Qu*);
- (iv) Há uma grande percentagem de interrogativas com *Q* na posição intermédia, do tipo *V Q SN/SP, pro V Q SN/SP*;
- (v) Há interrogativas do tipo *Q é que* com e sem (em maior percentagem) inversão de sujeito-verbo;
- (vi) Há preferência por interrogativas encaixadas com *é que* sem inversão do tipo *V Q_(o que) é que SN V*;
- (vii) Há não aceitação de interrogativas encaixadas do tipo *V Q_(que) SN V* e maior aceitação de interrogativas encaixadas com o *Q* tónico, também sem inversão, do tipo *V Q (o quê) SN V*.

3.5.1. As interrogativas Q encontradas no corpus PM

Assim, a partir do *corpus* analisado e da tarefa de juízos de gramaticalidade, o PM contemporâneo exhibe os seguintes tipos gerais de interrogativas-Q:

(i) *Com movimento Q em interrogativas de sujeito:*

(129) Quem tossiu?

(130) Quem chegou?

(ii) *Com movimento Q (de um complemento/modificador verbal) e com inversão sujeito-verbo:*

(131) Onde esteve o João na noite passada?

(132) O que fizeram os miúdos?

(iii) *Com movimento Q (de um complemento/modificador verbal) e sem inversão sujeito-verbo:*

(133) Onde o João esteve na noite passada?

(134) O que os miúdos fizeram?

(iv) *Com movimento Q, sem inversão sujeito-verbo mas com “é que”:*

(135) Onde é que o João esteve na noite passada?

(136) O que é que os miúdos fizeram?

(137) A quem é que deste o livro?

(v) *Com movimento Q mas com o «COMP duplamente preenchido»:*

(138) Quem que tossiu?

(139) Quem que chegou?

(140) Onde que o João esteve na semana passada?

(vi) *Sem movimento Q, isto é, com o Q “in situ”:*

(141) Chegou quem?

(142) Vais à Beira quando?

(143) Deste o livro a quem?

(vii) *Com movimento Q para uma posição intermédia:*

(144) Vais quando à Beira?

(145) Deste a quem o livro?

(146) Comeste o quê ao almoço?

3.5.2. O movimento Q, o movimento do verbo e a ordem SU-V no PM

Um dos aspetos que mais sobressaem na produção de interrogativas parciais dos falantes do PM é a tendência para optar por interrogativas do tipo *Qu V*; portanto, os falantes desta variedade do Português, preferencialmente, movem Q para a posição inicial de frase.

De acordo com os dados observados, nas interrogativas Q do PM, os falantes optam por deslocar o constituinte Q para posição inicial de frase, quer com verbos inergativos (147a), inacusativos (147b); quer com verbos transitivos (147c), predicativos (147d), quer mesmo em casos em que o sujeito aparece omissa (cf. (147e)):

- (147) a. Quem tossiu?
- b. Quem chegou?
- c. O que os miúdos fizeram?
- d. Onde o João esteve na noite passada?
- e. Quando vais à Beira?

Em (147) temos frases com movimento do morfema-Q para posição de especificador de COMP, motivado pela presença dos traços [+INT; +Q] (cf. Ambar (1992) e Brito (2003)).

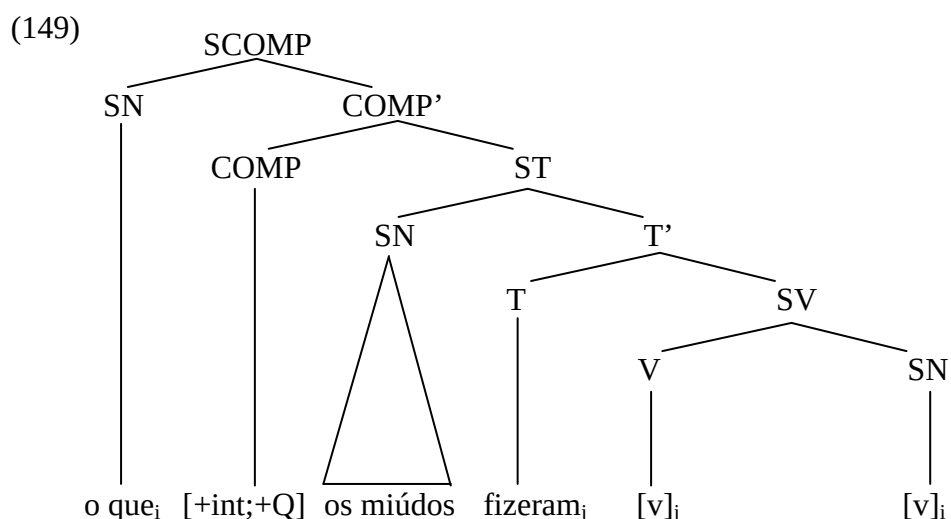
As duas primeiras frases (147a) e (147b) são interrogativas de sujeito, a primeira com verbo inergativo (147a), a segunda com verbo inacusativo (147b). Estas interrogativas são as mais aceites pelos falantes a quem aplicamos os inquéritos de juízos de gramaticalidade, com 70,1% e 81,6%, respectivamente de percentagem de aceitabilidade.

Nestas construções, se os morfemas Q sujeito se mantiverem na posição baixa (*in situ*), os falantes do PM consideram-nas agramaticais. Veja-se o contraste entre (147a)-(147b) e (148a)-(148b):

- (148) a. *Tossiu quem?
- b. *Chegou quem?

Por sua vez, as frases com verbos transitivos (147c)-(147d), diferentemente do PE, mostram que a ordem dos constituintes não é alterada, portanto, não se dá a «inversão sujeito-verbo».

O verbo nestas frases apenas se desloca para Tempo para adquirir os traços temporais, portanto, dá-se um movimento mais curto de V, como se mostra na representação simplificada em (149):



Podemos, a partir desta análise, avançar a seguinte hipótese:

- (150) No Português de Moçambique (PM), a subida do verbo para COMP, que justifica a alteração da ordem de palavras, especificamente a chamada “inversão sujeito-verbo” nas interrogativas Q, não é obrigatória.

Quer dizer, existe no PM uma gramática inovadora relativamente ao PE sem a propriedade do movimento do V para COMP. Tal como acontece no PB, nas interrogativas Q do PM não é exigido que a expressão Q e o verbo finito sejam adjacentes, o que mostra que o critério *wh/Q* de Rizzi (1996) não se aplica, como Mioto & Kato (2005) já tinham mostrado para o PB.

3.5.2.1. A sequência “*é que*” nas interrogativas Q do PM

Considerem-se as frases:

- (151) a. Onde *é que* o João esteve na noite passada?
- b. Onde *é que* esteve o João na noite passada?
- c. O que *é que* os miúdos fizeram na noite passada?
- d. Quem *é que* chegou?

Os padrões de interrogativas ilustrados por (151a)-(151d) resultam de escolhas idênticas ao PE. Nestas frases, com a sequência *é que*, a “inversão sujeito-verbo” torna-se opcional também no PM.

Ambar (1992) considera que no PE a “inversão sujeito-verbo” é obrigatória com constituintes «não D-linked» e a estratégia da sequência com *é que* vem resolver a agramaticalidade de construções sem “inversão sujeito-verbo”.

No entanto, de acordo com o *corpus* analisado (cf. (151a) e (151c)), mais de 80% das respostas dadas (cf. Anexo 3.1) revelam que, no PM, a presença de *é que* não altera a preferência pelas interrogativas; portanto, com ou sem *é que*, nas interrogativas Q não há movimento do V para COMP, podendo de qualquer modo haver movimento do V para T.

3.5.2.2. A sequência “Q+*que*” nas interrogativas Q do PM

No *corpus* escrito, embora em percentagens menores do que na oralidade, encontramos ainda frases como as de (152):

- (152) a. Onde *que* o João esteve na noite passada?
- b. O que *que* os miúdos fizeram na noite passada?
- c. Quem *que* chegou?

No inquérito realizado, estas interrogativas são tidas como pouco naturais, devido à presença do morfema *que* em posição pós-morfema Q. Estas construções de «COMP duplamente preenchido» ocorrem em menor percentagem nas interrogativas analisadas, e são das que tiveram maior número de incerteza (duvidoso) por parte dos falantes.

Ainda assim, parece haver alguma diferença nas respostas (ver o quadro), pois as interrogativas de (152a) e (152c) ocorrem com maior frequência, relativamente às de (152b).

Veja-se de novo a interrogativa (152a) em que *onde* e *que* estão adjacentes. O mesmo fenómeno parece ocorrer também em orações relativas, de acordo com Lindonde (2002), como se mostra no exemplo (153):

(153) Nós artistas não temos sítios próprios [**onde que** podemos apresentar os nossos trabalhos]

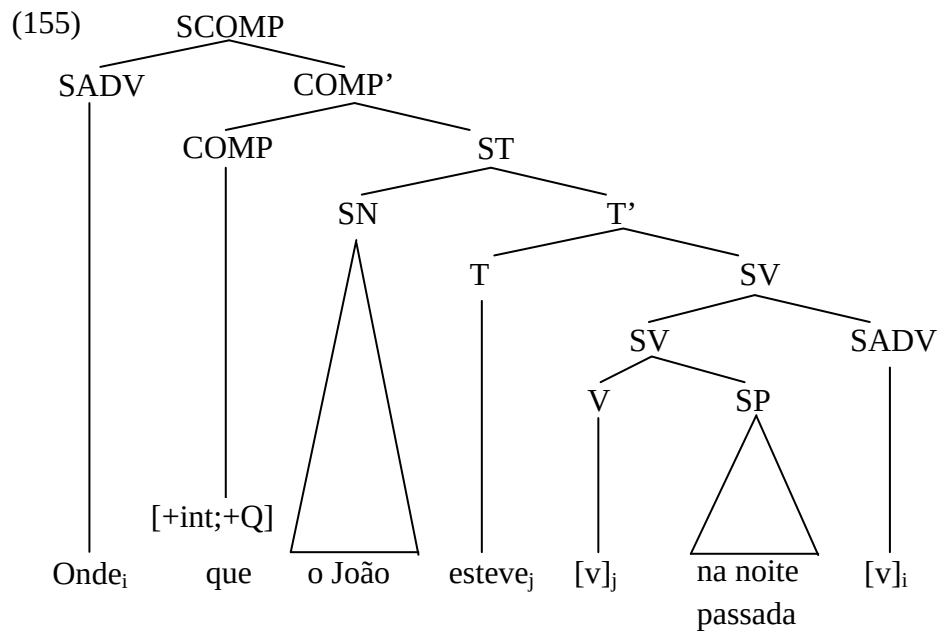
Neste tipo de relativas locativas, Lindonde afirma que “o *que* é um complementador, sendo gerado no núcleo de COMP, e *onde* na posição de Esp de SCOMP” (Lindonde, 2002:94-95).

A relação operador-variável é assegurada pelo movimento do morfema *onde*. Vejamos a Estrutura-S de (153) em (154):

(154) (...) [_{SN} [sítios próprios] [_{SCOMP} ESP *onde*_i [_{COMP'} [_{COMP} *que*] [_{ST} SN pro [_{T'} T [_{SV} [_{SV} V poder apresentar [_{SN} os nossos trabalhos]] [_{SADV} [t]_i]]]]]]

Quer dizer, confirma-se que “os morfemas interrogativos/relativos se movem para uma posição à esquerda da posição reservada aos complementadores e que a co-ocorrência com complementadores está sujeita a condições, variáveis de língua para língua ou entre variedades de uma mesma língua” (Brito, 2003:466).

Tendo em conta o que foi exposto até agora, assumimos que nas interrogativas do tipo *Qu+que*, tal como nas relativas, o *que* é gerado no núcleo de COMP, e que *onde*, o, ocupa a posição de Esp de COMP, como se mostra em (155):



Em síntese, é possível encontrar no *corpus* escrito algumas interrogativas com a sequência Q+complementador *que*, embora as respostas dos inquéritos não sejam muito claras. No entanto, de acordo com os meus próprios juízos de gramaticalidade, é possível ouvir com grande frequência frases com o «COMP duplamente preenchido» na oralidade.

Os dados acima parecem indicar que no PM é mais frequente encontrar interrogativas com “Q+*que*”, se o Q tiver um valor locativo ou humano/SU (cf. (152c) ou (152a)), respectivamente, do que se tiver o valor de objecto/OD (cf. (152b))³⁸.

3.5.3. As interrogativas Q *in situ* no PM

Vimos no capítulo anterior sobre o PE e o PB que nestas variedades do Português há interrogativas em que os morfemas Q surgem numa posição interna à frase a que pertencem (*in situ*³⁹), seja ela uma posição argumental seja ela de adjunção. Este tipo de construção também ocorre no PM, como mostram os exemplos em (156):

- (156) a. Vais à Beira *quando*?
 b. Os miúdos fizeram *o quê*?
 c. Deste o livro *a quem*?

³⁸ cf. Anexo 3.1.

³⁹ Na presente tese não consideramos interrogativas múltiplas que sempre têm um morfema Q *in situ*.

Nestas interrogativas, os morfemas interrogativos permanecem na sua posição baixa. Em (156a) temos o morfema Q adjunto com valor temporal (*quando*); em (156b) e (156c) temos morfemas Q argumentais: um objecto direto (*o quê*) e um objeto indireto (*a quem*), respectivamente.

A agramaticalidade de frases como (157) mostra que o movimento do verbo não opera para uma posição acima da do SN sujeito, em Esp de ST, confirmando a hipótese segundo a qual os falantes do PM optam pela não inversão do sujeito-verbo.

(157) *Fizeram os miúdos *o quê*?

Esta ideia é também confirmada pelos exemplos (148), aqui renumerados como (158):

(158) a. *Tossiu quem?

b. *Chegou quem?

Quer dizer, se o morfema Q for um sujeito, não pode permanecer na posição mais baixa *in situ*. Caso ocorra nessa posição, a frase é sentida como agramatical, de acordo com os juízos formados pelos inquiridos.

Além disso, nesta variedade do Português, como se mostra em (159), fica impedida a presença do «COMP duplamente preenchido» se Q se mantém *in situ*:

(159) *Que que fizeram *o quê*?

Mas voltamos ao fenómeno *in situ*. Como vimos no capítulo 2, ao analisar estas interrogativas no PE, Duarte (2000) propõe que, por razões de economia, nestas construções o morfema Q pode permanecer *in situ*, e é interpretada como interrogativa de eco. Ainda nesta mesma linha, Ambar (2006) considera que, no PE, não é seguro que o estatuto de interrogativas como as de (156b) seja o de uma verdadeira interrogativa, pois, nestas construções “o falante já sabe ou pressupõe” (Ambar, 2006:114) que os *miúdos fizeram algo*. Quer dizer, para ambas as autoras as interrogativas com constituinte Q *in situ* em PE são só em “eco”.

Uma posição diferente é assumida por Brito, pois esta autora considera que “as interrogativas *in situ* no PE têm duas possibilidades de interpretação: uma interpretação normal de interrogativa e outra de interrogativa de eco” (Brito, 2003:475).

Também para o PB, Kato (2013), através de evidências prosódicas, encontra dois tipos de *in situ* nesta variedade do Português: (i) com entoação ascendente, quando a interpretação é de interrogativa-eco (cf. (160a)) e (ii) com a entoação descendente, quando se trata de uma interrogativa verdadeira (cf. 160b)).

Concordamos com esta perspectiva de Kato (2013), segundo a qual as interrogativas Q *in situ* adquirem duas interpretações, de acordo com a prosódia que as acompanha: a interpretação de interrogativa Q *in situ* verdadeira e a interpretação de interrogativa-eco, como ilustram os exemplos de (160a) e (160b):

- (160) a. Os miúdos fizeram *o quê?* ↑
- b. Os miúdos fizeram *o quê?* ↓
- c. Os miúdos fizeram um bolo? ↑

A frase (160a) é uma interrogativa-eco, possui uma entoação ascendente e é um caso real de *in situ*, possuindo uma entoação semelhante à das interrogativas *sim/não*, como em (160c). Em (160b) temos uma verdadeira interrogativa, trata-se de um “falso” *in situ*.

Embora esta análise das interrogativas eco seja interessante, não vamos fixar-nos nela, pois os nossos dados, que na totalidade são resultado de aplicação de inquéritos, não nos permitem perceber a diferença entre o Q *in situ* com a interpretação de eco e a de interrogativa *in situ* verdadeira.

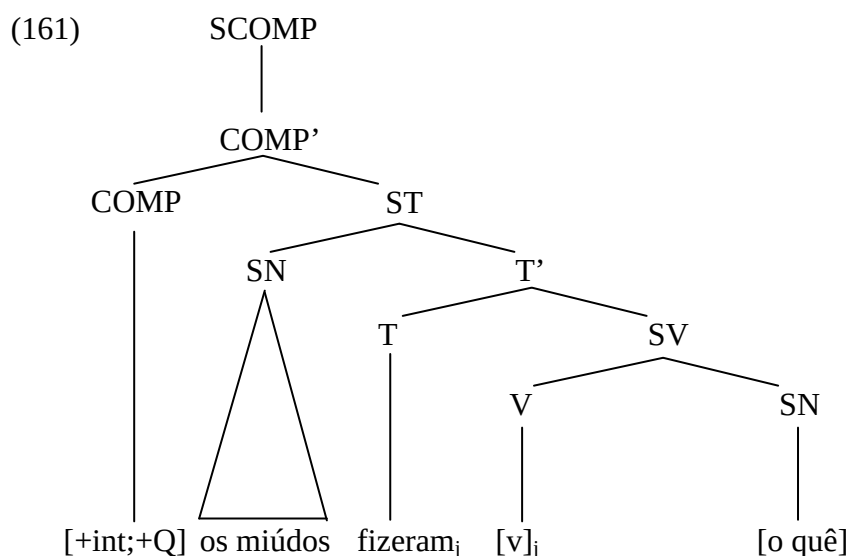
Vamos por isso centrar-nos no fenómeno Q *in situ* como uma forma de interrogação verdadeira no PM.

Vimos no capítulo 2 que tem havido várias maneiras de tratar as interrogativas *in situ*. Diferentemente da interrogativa (160a), com a interpretação em eco, (160b) não pode ser considerada como forma elíptica de frases interrogativas indiretas, pois não é *D-linked*, mas sim possui a interpretação normal de interrogativa, isto é, “é um pedido de informação acerca do valor de uma variável.” (Brito, 2003:475).

Três soluções parecem possíveis para descrever a estrutura sintática deste tipo de frases. A seguir discutimos cada uma das soluções:

- (i) “o *Q in situ* não se move” (Duarte, 2000). Para esta autora o *Q in situ* mantém-se na sua posição baixa, mas estabelece com C [+int] uma relação de acordo (*Agreement*) à distância.

De acordo com esta perspectiva, não havendo qualquer movimento Q, a estrutura da frase (160b) seria:

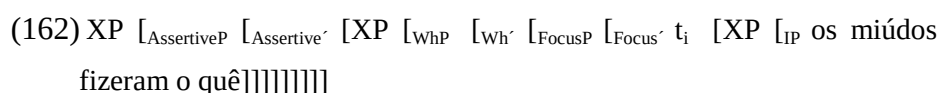


De acordo com esta visão, em (161) o único movimento que se observa é o do verbo para T, para verificar o traço de tempo. O morfema Q permanece na sua posição baixa; porém, mantém uma relação à distância com o COMP [+INT, +Q].

Contrariamente a esta proposta de Duarte (2000), surgem duas outras soluções para estas interrogativas, que consideram que de qualquer modo há movimento do Q. Porém, estas soluções distinguem-se na sua perspectiva de abordagem.

- (ii) Ambar (2006) e Amaral (2009) consideram que Q se move para uma posição designada [*WhP*] e o resto da frase também se move mais para cima, por “*remnant movement*”.

Segundo esta análise a estrutura de (160b) seria do seguinte modo:



(163) XP [AssertiveP [os miúdos fizeram]_k] [Assertive' [XP [WhP o quê_i] [Wh' [FocusP t_i [Focus' [XP [IP t_k t_i]]]]]]]]]]

Com a estrutura de (162), Ambar (2006) e Amaral (2009) consideram que o sistema de CP contém categorias funcionais que correspondem à Periferia Esquerda, representando a relação entre o conteúdo de frase (Sintagma Tempo) e o discurso.

Em (163) o *Q-in-situ* resulta da aplicação de *movimento remanescente* (*remnant movement*) do resto da frase para uma categoria funcional na periferia esquerda, após extração do sintagma-Q para a categoria [WhP] nas interrogativas-Q.

Kato (2013:182) aponta como ponto fraco desta análise de Ambar o facto de esta não explicar por que razão o verbo não acompanha o morfema Q para WhP antes do *remnant movement*, quando o PE contém um Q inicial, em frases como *O que comprou o Pedro?*

Outro ponto fraco desta abordagem, apontado por Alexandre (2009), é o seguinte: como é que uma interrogativa contém uma projeção funcional *AssertiveP*? Ou seja, “as interrogativas não possuem valor de verdade e, se as propriedades assertivas não estão presentes nestas construções, então, uma projeção funcional assertiva não deve aparecer.” (Alexandre, 2009:122).

Ambar & Veloso (2001), no entanto, consideram que o *movimento remanescente* de IP em (163) é justificado pelo facto de nas construções Q *in situ* a primeira parte ser declarativa; e o *João comprou algo* atribui um valor declarativo ao enunciado.

Apesar da justificação apresentada, Alexandre (2009) levanta ainda dois problemas nesta análise; vamos centrar-nos no segundo, que tem a ver com a categoria funcional *AssertiveP*⁴⁰.

Ambar & Veloso (2001), com base no contraste interpretativo entre o Q *in situ* e Q *inicial*, afirmam que a resposta a uma interrogativa Q verdadeira (165) e em eco (164) apresenta diferenças:

⁴⁰ Do ponto de vista semântico, quer em interrogativas verdadeiras quer em interrogativas em eco há sempre uma implicação lógica (*O João comprou algo*).

(164) a. O João comprou o *quê*?

b. ?*Nada

(165) a. O *que* comprou o João?

b. Nada.

Para Ambar (2006:114), em (164a), o falante sabe ou pressupõe que *o João comprou alguma coisa*, e quer saber o *quê*. Deste modo, para alguns falantes há um contraste entre (164b) e (165b); e (165b), contendo uma resposta negativa, não é uma resposta adequada a (165a).

Ainda assim, Alexandre (2009) considera que o problema reside na confusão entre asserção e pressuposição. E acrescenta: “se a questão (164a) é interpretada como uma interrogativa-eco, a resposta não pode ser negativa. Mas, se interpretada como uma verdadeira interrogativa, a resposta negativa é gramatical porque não estará ligada discursivamente” (Alexandre, 2009:122)⁴¹.

Em síntese, Alexandre (2009), opondo-se à ideia de Ambar & Veloso (2001) e Ambar (2006), considera que as interrogativas *Q in situ* não parecem exigir um valor assertivo e, por via disso, não necessitam de uma projeção funcional *AssertiveP*. E sobre o movimento do morfema *Q* em interrogativas *Q in situ*, esta autora segue a opinião de Duarte (2000), segundo a qual há ausência de movimento *Q* nas interrogativas *in situ*.

Finalmente, retomamos a análise de Kato (2013) sobre a existência de dois tipos de interrogativas *Q in situ*, para explicar a terceira solução para as interrogativas *Q in situ*.

- (iii) Kato (2013)⁴², apoiando-se em Belletti (1998), considera que o constituinte *Q in situ* move-se para uma posição acima de *vP* e que se justifica aceitar uma nova “área” funcional para categorias ligadas a Tópico e Foco junto de *SV/VP*.

Para analisar estas interrogativas Kato (2013:183) baseia-se na estrutura de Belletti (1998) para o Italiano, segundo a qual acima de *vP* há um lugar para constituintes topicalizados ou focalizados:

⁴¹ Tradução minha.

⁴² A descrição detalhada da análise de Kato (2013) sobre as interrogativas *Q in situ* foi apresentada no capítulo anterior.

(166) [CP [TP [Top [FocP [TopP [vP [VP

Quer dizer, para Kato nas interrogativas *Q in situ* não temos um verdadeiro movimento Q para a posição CP, mas, em vez disso, temos um movimento de um tipo mais curto. Por outras palavras, seja em interrogativas com Q inicial seja em interrogativas com o Q *in situ*, o morfema Q é sempre movido. Vejamos o exemplo (114) da autora, aqui repetido em (167):

(167) [_{IP} você viu [_{FP} quem [_{vP} t_{você} t_{viu} [_{VP} [t_{viu} t_{quem}]]]]] ↓

Em (167), *quem* move-se para uma posição designada FP, à beira de VP, requerendo nesta posição um esforço nuclear e uma queda prosódica.

Aplicando a análise de Kato (2013) às interrogativas *Q in situ* do PM, o morfema Q mover-se-ia para uma posição designada XP, próxima de vP, como outros elementos marcados (no caso do Italiano o sujeito posposto⁴³). Vejamos, de acordo com esta hipótese, a representação da frase (160b) em (168):

(168) [_{ST} [os miúdos fizeram _{XP} [_X o *quê* [_{vP} t_{os miúdos} t_{fizeram} [_{VP} t_{fizeram} t_o *quê*]]]]]

Antes de tomar uma posição sobre esta hipótese, analisamos no parágrafo seguinte um outro tipo de interrogativas do PM, pois ele vai servir para confirmarmos ou não a ideia de movimento Q parcial e a legitimação do constituinte Q movido.

⁴³ Belletti (1998) recorre às interrogativas Q dos dialectos do Italiano com o sujeito na posição pós-verbal para explicar esta ideia, como se mostra nos exemplos:

(1) Quando l'è venuta la Maria?
Quando ela+tem vindo a Maria?

Nesta construção temos o clítico que normalmente sinaliza a inversão nas frases declarativas. E o sujeito move-se para direita ocupando a posição baixa de Tópico, como acontece no Italiano padrão e nas interrogativas Q do Inglês.

3.5.4. O morfema Q na posição média: movimento parcial de Q?

Nos dados dos nossos inquéritos encontramos interrogativas com o Q numa posição intermédia⁴⁴, como ilustram os exemplos:

- (169) a. Vais *quando* à Beira?
b. Fizeram *o quê* os miúdos?
c. Deste *a quem* o livro?

Interrogativas do tipo V Q SN, como as de (169), são pouco encontradas nos dados sobre o PE e PB, mas, atualmente, ocorrem no PM e as respostas aos nossos inquéritos confirmam-no⁴⁵.

Em (169) temos frases interrogativas com o morfema Q numa posição “intermédia”, isto é, o morfema Q não se encontra nem no início de frase nem na sua posição *in situ*; portanto, tudo parece indicar que há um movimento curto ou parcial de Q para uma posição “média”. Em (169a) temos um advérbio com valor locativo projectado como adjunto a SV; em (169b) um objecto direto a separar o verbo e o sujeito; em (169c) um objecto indireto a separar o verbo e o objeto direto.

Mais uma vez parecem colocar-se várias hipóteses para análise destas construções:

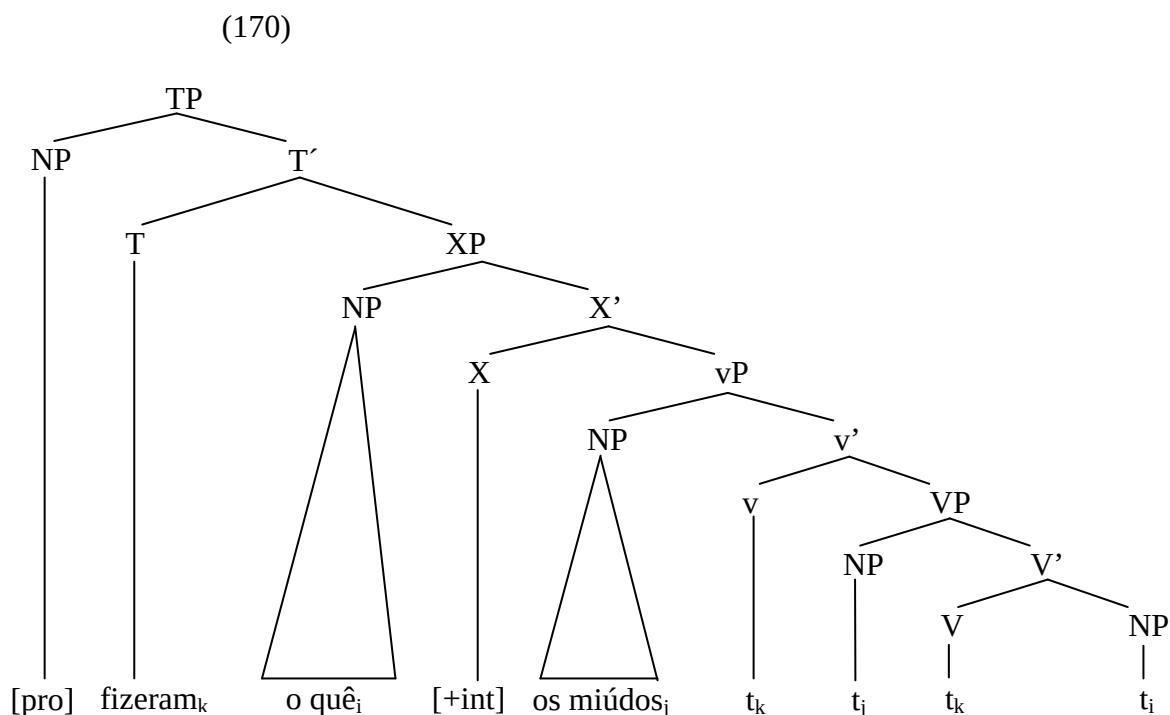
Hipótese 1: O movimento opera parcialmente e o constituinte Q é legitimado por um operador na periferia esquerda de vP.

De acordo com esta hipótese, o operador [+int] ocuparia o núcleo da categoria funcional intermédia (XP/FP), explorando as hipóteses de Belletti (1998) e Kato (2013).

Segundo esta hipótese teríamos a seguinte estrutura para (169b) obtida por movimento do verbo para T, com o SN na posição de Esp de vP ou VP.

⁴⁴ Estes dados do PM são confirmados por Santos (2009), no seu trabalho sobre as interrogativas diretas no Português de Maputo.

⁴⁵ Estas construções podem ser produzidas por falantes do PE na oralidade.



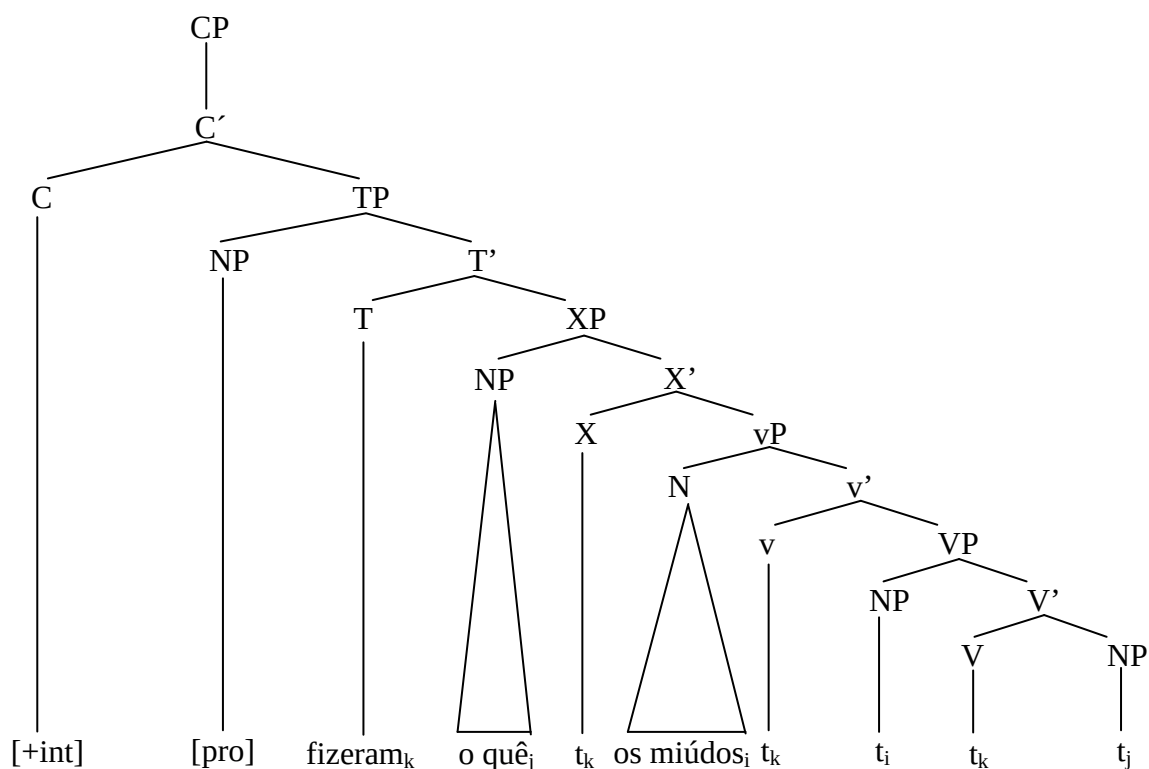
Apesar dos dados em (170) apontarem para o movimento parcial de Q, a hipótese de que o constituinte é legitimado por um operador acima de VP parece-nos pouco credível, pois em construções interrogativas Q, o operador com os traços [+int] ocupa a posição do núcleo de CP.

Deste modo, uma segunda hipótese afigura-se necessária para dar conta da interpretação deste tipo de interrogativas Q.

Hipótese 2: O movimento Q opera parcialmente e o constituinte Q é legitimado por um operador [+int] em C por concordância à distância⁴⁶.

⁴⁶ Poder-se-ia explorar uma hipótese alternativa, segundo a qual o constituinte *o quê* se move para a posição de Esp de vP para verificar caso acusativo; nesse caso não seria necessária uma posição intermédia XP.

(171)



Seguindo esta hipótese, neste tipo de interrogativas existiria uma posição intermédia (categoria XP/FP) para acomodar os morfemas Q em construções em que o movimento Q não se dá para a periferia esquerda de CP.

Em (171) o sintagma Q (objeto direto) move-se para tal posição intermédia e o sujeito ocupa uma posição pós-verbal; o foco interrogativo recai sobre o sintagma Q *o quê*.

Nas outras duas frases de (169), o morfema Q *quando* move-se da sua posição de adjunto a SV para uma posição intermédia (cf. (169a)); e o sintagma Q *a quem*⁴⁷ move-se também para essa posição para poder constituir o foco da interrogativa e o objeto direto ocupa a posição final (cf. (169c)).

Sintetizando, a questão principal aqui é saber se o operador [+int] está em C ou se ocupa o núcleo da categoria funcional intermédia de que falam Belletti (1998) e Kato (2013).

⁴⁷ Se o Português, em particular o PM, tiver um padrão de ordem de palavras *V OI OD* pode colocar-se novamente a hipótese alternativa de o SPREP *a quem* ocupar uma posição adjacente ao verbo sem precisar de ser postulada a categoria intermédia XP.

Pensamos que a hipótese mais unificadora é a de que o operador interrogativo está em C e que o que diferencia este tipo de interrogativas das interrogativas Q *in situ* analisadas em 3.5.3. é operar ou não o movimento Q para uma posição intermédia.

Se assim for poderá manter-se a ideia clássica de Duarte (2000) e Alexandre (2009) segundo a qual o operador C [+int] ou legitima localmente o morfema Q ou legitima à distância um morfema dessa natureza.

3.6. Síntese do Capítulo

Neste capítulo, a abordagem sintática dos fenómenos encontrados nas interrogativas Q do PM permitiu-nos verificar as hipóteses adiantadas nos capítulos anteriores, comparando-os com os dados do PE e PB.

Tendo em conta os dados recolhidos tanto através de juízos de gramaticalidade como através de produção, podemos verificar que os falantes do PM produzem interrogativas com o Q na posição inicial; interrogativas Q *in situ*; interrogativas com Q numa posição intermédia, e ainda, interrogativas com o «COMP duplamente preenchido».

Os falantes, preferencialmente, deslocam o Q para posição inicial, tal como no PE; porém, a subida do verbo para COMP, que justifica a alteração da ordem de palavras, especificamente a chamada “inversão sujeito-verbo” nas interrogativas Q, não opera na maior parte dos casos de interrogativas Q.

Tal como no PE e no PB, há evidências de que as interrogativas Q *in situ* produzidas pelos nossos inqueridos adquirem duas interpretações: a de verdadeira interrogativa e a de interrogativa-eco. Estes tipos de interrogativas Q *in situ* diferem do ponto de vista contextual, prosódico e estrutural. Mas, dado que nesta tese não pudemos dispor de dados de fala espontânea, não analisámos esta diferença com pormenor.

Para além destes tipos de interrogativas, encontramos interrogativas com «COMP duplamente preenchido» tal como no PB. Há ainda interrogativas com o Q na posição intermédia. Nestas interrogativas, o movimento não se dá para o Esp de COMP, mas sim para uma posição intermédia acima de vP, embora legitimado à distância por C [+int].

Finalmente, a investigação permitiu perceber que, tal como no PB, o critério Q/wh de Rizzi (1996) não se aplica no PM; e também a visão cartográfica de Rizzi (1997, 2004) não parece justificar-se neste tipo de construções.

CONCLUSÕES

Neste trabalho pretendemos analisar as interrogativas Q no Português de Moçambique, comparando-as com as do Português europeu e do Português brasileiro. A análise dos resultados de dados de produção e de juízo de gramaticalidade permitiu-nos identificar, de um modo geral, quatro tipos de interrogativas Q no PM:

- (i) com movimento Q para posição inicial, com e sem inversão sujeito-verbo;
- (ii) com o «COMP duplamente preenchido»;
- (iii) sem movimento Q, i.e., com Q *in situ* (verdadeira ou em eco);
- (iv) com movimento Q para uma posição intermédia.

O estudo permitiu chegar à conclusão de que, nesta variedade do Português, os falantes optam por interrogativas com movimento Q. Porém, diferentemente do PE, no Português de Moçambique (PM), a subida do verbo para COMP, que justifica a alteração da ordem de palavras, especificamente a chamada “inversão sujeito-verbo” nas interrogativas Q não é obrigatória. Tal como acontece no PB, nas interrogativas Q do PM não é exigido que a expressão Q e o verbo finito sejam adjacentes.

Relativamente ao fenómeno apresentado em (ii), ainda que pareça não ser tão frequente como nas relativas, é possível encontrar no *corpus* escrito interrogativas com a sequência Q+complementador *que*, embora as respostas dos inquiridos não sejam muito claras. De acordo com os meus próprios juízos de gramaticalidade, é possível ouvir com grande frequência frases com o «COMP duplamente preenchido» na oralidade.

No que tange às interrogativas Q *in situ*, a análise dos dados permitiu identificar, tal como no PE e no PB, duas interpretações de interrogativas: as com interpretação de verdadeiras interrogativas e as com interpretação de eco. Pelo menos no PB, as interrogativas-eco possuem uma entoação ascendente e são casos reais de *in situ*, possuindo uma entoação semelhante a das interrogativas *sim/não*. Sobre estas interrogativas no PM não a aprofundámos porque não dispomos de dados sobre a fala espontânea dos inquiridos. Na análise das verdadeiras *in situ* discutimos três hipóteses, (i) a de Duarte (2000), que assegura que, nestas construções o morfema Q permanece *in situ*, sendo legitimada à distância por C [+int]; (ii) a posição de Ambar (2006) e Amaral (2009), que consideram que o constituinte Q move-se para uma posição designada

[*WhP*] e o resto da frase também se move mais para cima, por “*remnant movement*”; (iii) finalmente a de Kato (2013), que considera que o constituinte *Q in situ* move-se para uma posição acima de *vP* e que se justifica aceitar uma nova “área” funcional para categorias ligadas a Tópico e Foco junto de *SV*.

Sobre esta questão, assumimos nas interrogativas *Q in situ* que os morfemas-*Q* não se movem e são legitimados pelo operador *C* [+int] à distância, tal como propõe Duarte (2000).

Relativamente ao fenómeno que ocorre em (iv) aventámos duas hipóteses, (i) o movimento opera parcialmente e o constituinte *Q* é legitimado por um operador na periferia esquerda de *vP*; (ii) o movimento *Q* parcial opera parcialmente e o constituinte *Q* é legitimado por um operador *Q* em *C*, isto é, trata-se de um caso de concordância à distância. cremos que a hipótese mais provável e unificadora é a de que o operador interrogativo está em *C*.

Comparando as interrogativas com *Q* numa posição intermédia com as interrogativas *Q in situ*, chegamos à conclusão de que o que diferencia estas construções é o facto de operar ou não o movimento *Q* para uma posição intermédia, pois ambas são legitimadas à distância por um operador *C* [+int].

Tendo em conta o facto de não existir um *corpus* de interrogativas *Q* já constituído no *INDE de Moçambique* (Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação) nem pesquisas com abordagem sintática sobre as interrogativas *Q* no Português de Moçambique (exceptuando-se, pelas nossas consultas, o trabalho de Santos, 1999) acreditamos que o presente trabalho apresenta-se como um contributo inicial para o enriquecimento dos estudos sintáticos sobre as interrogativas do Português de Moçambique.

Consideramos, após a realização do trabalho, que atingimos os objetivos propostos. No entanto, estamos cientes de que este estudo é também um ponto de partida para nós próprios e para todos aqueles que pretenderem discutir a natureza destas construções.

Julgamos que ainda há muito que se discutir sobre as interrogativas *Q* no Português de Moçambique, sobretudo no que tange à sua relação com as línguas Bantu, embora a

nosso ver os parâmetros destas línguas (PM e LB) se manifestem de forma diferente; e ainda, relativamente à prosódia das interrogativas Q do PM.

Outro aspeto que merecerá, certamente, discussões futuras é a estrutura de interrogativas clivadas do PM, pois é possível identificar na oralidade, construções do tipo [*ser SQ que SV*], fenómeno que não ocorre no PE, mas parece ocorrer no PB, segundo (Kato, 2013) e ainda investigar se tal condição é resultado de alguma influência das línguas Bantu:

- (172) a. *É quem que fez isso?*
b. *É o quê que compraste?*
c. *É aonde que fica a tua casa?*

Finalmente, recuperando as palavras de Brito (1991:252), acreditamos que “é possível, apesar do cuidado que foi posto na discussão e argumentação das hipóteses aqui apresentadas, que algumas delas se venham a revelar falsas ou inadequadas. Se novos dados mostrarem que uma hipótese é inadequada ela deve ser abandonada e procuradas novas formas de explicação. Por vezes mesmo, a proposta de uma hipótese deficiente e refutável pode trazer luz sobre um aspeto até aí mal compreendido.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, N. M. P (2009). *Wh-construction in Cape Verdean creole: extension of the copy theory of movement*. Tese de Doutorado, FLUL.

AMARAL, D (2009). *Algumas construções-Wh em Português europeu*. (Dissertação de mestrado), FLUL.

_____(2009a). Interrogativas-WH: Periferia Esquerda e Fases. *Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 61-79.

AMBAR, M. (1992). *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*, Lisboa: Edições Colibri.

_____. Veloso, R. (2001). On the nature of wh-phrases – wh-in-situ and word order. In: D’Hulst, Y.; Roorick, J.; Shroten, J. (orgs.). *Romance languages and linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins.

_____. (2006). *Gramática Comparada – Tópicos de Sintaxe*. Relatório apresentado em Provas de Agregação, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BACH, E (1968). Nouns and noun phrases. In E. BACH and R. T. HARMS (orgs.) *Universals in Linguistic Theory*, pp. 90–122. New York: Holt, Rinehart and Winston.

BAKER, C. L (1970). Notes on the description of English questions: the role of an abstract Q morpheme. *Foundations of Language*, 6, 197–219.

BAYER, J (2000). WH-in-situ. In *The Blackwell Companion to Syntax*, Volume V. Blackwell Publishing.

BRESNAN, J (1970). On Complementizers. *Foundations of Language*, 6, 3, pp. 297-321.

BECHARA, E (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ªed. revista e ampliada, Editora Lucerna, Rio de Janeiro.

BELLETTI, A (1998). Agreement Projections, In: M.Baltin & C.Collins (orgs.) *The Handbook of Syntactic Theory*, Blackwell.

_____. (2001). *Aspects of the low IP area*. Ms, Università di Siena.

DIAS, H. N. (2002). *As Desigualdades Sociolinguísticas e o Fracasso Escolar, em direcção a uma prática linguístico-escolar libertadora*. Maputo: Promédia.

DUARTE, I (2000). *Português europeu e português brasileiro – 500 anos depois: a sintaxe*. Comunicação apresentada no *Congresso Internacional dos 500 Anos de Língua*.

_____(2001). Interrogativas-wh em Português europeu e Português brasileiro. In *Tópicos de Sintaxe Comparada, Relatório apresentado para provas de agregação*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FIRMINO, G (2008). *Processo de transformação do Português no contexto pós-colonial de Moçambique*, Universidade Eduardo Mondlane.

GONÇALVES, P (1999). *Genesis of Languages in Multilingual Settings: The Case of Mozambican African Portuguese*. Ms: Univ. Eduardo Mondlane.

GONÇALVES, P (1998). Estruturas Gramaticais do Português: Problemas e Exercícios, Volume III. Perpétua, G & STROUD, C. (orgs). *Panorama do Português oral de Maputo*, INDE.

_____(1997 [2000]). Tipologia de erro do português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico. In STROUD, C. e GONÇALVES, P. (Orgs.), *Panorama do Português Oral de Maputo*. Vol. II. Maputo, INDE.

_____(2010). *A Génese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

HAEGEMAN, L (1994). *Introduction to government & binding theory*, 2nd edition, Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, pp. 494-506.

_____(1997). *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*, USA: Kluwer Academic Publishers, pp. 1-11.

KATO, M (2013). Deriving “wh-in-situ” through movement in Brazilian Portuguese. In Camacho-Taboada *et al.* (orgs). *Information Structure and Agreement*, John Benjamins Publishing Company, pp. 175-191.

HUANG, C.T.J (1982). *Logical Relations in Chinese and the Theory of Grammar*. MIT: PhD. Thesis.

_____(1982). Move WH in language without Wh movement. In *The Linguistic Review*, 1: 369-416.

LINDONDE, L. M (2002). *As relativas locativas e outras construções aparentadas, introduzidas pelos morfemas “onde” e “em que” no Português de Moçambique*, Dissertação de Mestrado, FLUP.

LOPES, A. J (2004). *A batalha das línguas. Perspectivas sobre Linguística Aplicada em Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária.

LOPES ROSSI, M. A (1993). Estudo Diacrônico sobre as Interrogativas do Português do Brasil. In Roberts, I. & Kato, M. (orgs), *Português brasileiro: Uma viagem diacrónica*, Editora da Unicamp.

MACALANE, Geraldo (s/d). *A Variação paramétrica das interrogativas-Q: os casos do Português moçambicano, do Tsonga e do Nyanja*.

MATEUS, M. H. M. et ali (2003). *Gramática de Língua Portuguesa*, 6ªed; Lisboa: Editorial Caminho, *Revista e Aumentada*.

MATOS & G. BRITO, A. M (2013). The alternation between improper indirect questions and DPs containing a restrictive relative. In Camacho-Taboada *et al.* (orgs.). *Information Structure and Agreement*, John Benjamins Publishing Company, pp. 83-116.

MIOTO, C. KATO, Mary A. (2005). As Interrogativas Q do Português Europeu e do Português Brasileiro atuais. *Revista da ABRALIN*, vol 4, nº1 e 2, p. 171-196, Dezembro.

NOBRE, R (2010). *A situação do Português e o ensino de línguas em Moçambique*, PmatE, Universidade de Aveiro.

OUHALLA, J. (1994). Parameteres and Cross-Linguistic Variaton. In *Introducing Transformat Grammar: from rules to principles and parameters*. New York: Edward Arnold. pp.272-274.

_____. Remarks on the Binding Properties of Wh-Pronouns. *Linguistic Inquiry*, 27: 4.

PESESTKY, D. (1987). Wh-in-situ: Movement and Unselective Binding. In Reuland & ter Meulen, (orgs.). *The Representation of (In)definiteness*. Camb., Mass.: The MIT Press. pp 98-129.

RAPOSO, E. P. (1992). *Teoria da Gramática: Faculdade da Linguagem*, 2ª ed; Lisboa: Caminho.

RIZZI, L (1996). Residual Verb Second and the *wh*-Criterion. In Belletti & Rizzi (orgs). *Parameters and Functional Heads. Essays in Comparative Syntax*. Nova Iorque: Oxford University Press.

_____. (1997). The fine structure of the left periphery. In *Elements of Grammar. Handbook in Generative Syntax*, Liliane Haegeman (ed.), pp 281-337. Dordrecht: Kluwer.

_____. (1999). *On the Position “Int(errogative)” in the Left Periphery of the Clause*. Università di Siena.

_____. (2004). On the form of chains: criterial positions and ECP effects. Ms, Università di Siena.

SAID ALI, M (1964). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Edições Melhoramento, São Paulo.

SANTOS, Elda (2009). Alguns aspectos da sintaxe das interrogativas parciais directas no Português de Maputo. In DIAS, H. N (org.) *Português moçambicano: estudos e reflexões*, Imprensa Universitária, Maputo, pp. 95-155.

ANEXOS

1. Inquérito Sociolinguístico

Caro informante,

O presente questionário tem como objetivo a recolha de dados relativos às particularidades linguísticas dos falantes moçambicanos, no que se refere à produção e compreensão de **interrogativas parciais**. Os dados por si fornecidos serão usados única e exclusivamente para fins académicos. Solicitamos a sua colaboração respondendo atentamente e com clareza e objetividade às perguntas feitas.

1. Ano _____

2. Idade _____ Sexo _____

3. Naturalidade _____

4. Qual foi a 1ª língua que aprendeu a falar? _____

5a. Que língua (s) usa para comunicar em casa com a família _____

b. Com os amigos? _____

6. Onde aprendeu a falar a língua portuguesa?

Escola _____ Família _____ Amigos _____

7. Línguas moçambicanas que fala e/ou percebe

Gitonga Cicangana Cicope

Outras. _____

8. Escolaridade dos pais

Pai: Analfabeto _____ Básico _____ Secundário _____ Superior _____

Mãe: Analfabeto _____ Básico _____ Secundário _____ Superior _____

9. O português é a sua L2?

Sim _____ Não _____

1.1. Resultado dos dados sobre o inquérito sociolinguístico

Variável Independente		Número		Percentagem (%)	
Sexo	Masculino	44		50,6%	
	Feminino	43		49,4%	
Idade	17-24	31		59,7%	
	25-45	52		35,6%	
	+45	4		4,7%	
Naturalidade	Inhambane	30		34,5%	
	Maxixe	14		16,1%	
	Maputo	4		4,6%	
	Centro de Moç.	1		1,1%	
	Norte de Moç.	2		2,2%	
	Outras cidades	36		41,5%	
	Português (LP)	23		26,4%	
Língua Materna	Língua Bantu (LB)	64		73,6%	
	Família e Amigos	Família	Amigos	Família	Amigos
Língua de Uso Corrente	Português	36	63	41,4%	72,4%
	Língua Bantu	51	24	58,6%	27,6%

2. Tarefa de produção provocada do PM

Nesta parte do inquérito criamos situações que implicam a utilização, por parte do falante, de uma frase interrogativa. Elabore uma ou duas possíveis perguntas para cada situação apresentada.

Situação 1

Imagine-se na situação de desejar saber *a idade do João*. Como colocava a pergunta para obter tal informação?

Situação 2

Imagine-se na situação de desejar saber *o dia em que o João visitou os avós*. Como colocava a pergunta para obter tal informação?

Situação 3

Imagine-se na situação de desejar saber *o motivo pelo qual o João ter faltou às aulas*. Como colocava a pergunta para obter tal informação?

Situação 4

Imagine-se na situação de desejar saber *o tipo de comida que o João prefere ao almoço*. Como colocava a pergunta para obter tal informação?

Situação 5

Imagine-se na situação de desejar saber *o número de províncias de Moçambique*. Como colocava a pergunta para obter tal informação?

Situação 6

Imagine-se na situação de desejar saber *a duração do exame de linguística*. Como colocava a pergunta para obter tal informação?

Situação 7

Imagine-se na situação de desejar saber *o local onde o João passa as suas férias*. Como colocava a pergunta para obter tal informação?

Situação 8

Imagine-se na situação de desejar saber *as atividades desenvolvidas pelo João durante o dia*. Como colocava a pergunta para obter tal informação?

Situação 9

Imagine-se na situação de desejar saber sobre *a pessoa que telefonou ao João*. Como colocava a pergunta para obter tal informação?

Situação 10

Imagine-se na situação de desejar saber *a data em que o João viaja à Beira*. Como colocava a pergunta para obter tal informação?

2.1. Resultados da tarefa de produção provocada

As perguntas encontradas em cada uma das situações colocadas foram:

Situação 1

- (1) Quantos anos tens?
- (2) Qual é a sua idade?
- (3) Que idade tens?

Situação 2

- (1) Quando é que visitou os seus avós?
- (2) Quando visitou os seus avós?
- (3) Em que dia foste visitar os seus avós?
- (4) Quando foi que visitaste os teus avós?

Situação 3

- (1) Porque é que faltaste às aulas?
- (2) Porque que não compareceste as aulas?
- (3) Porquê não foste a escola?

Situação 4

- (1) O que preferes comer ao almoço?
- (2) Que tipo de comida o João prefere ao almoço?
- (3) De quê que prefere almoçar?
- (4) Qual será o seu almoço hoje?

Situação 5

- (1) Quantas províncias existem em Moçambique?
- (2) Quantas províncias Moçambique tem?
- (3) Quantas províncias tem Moçambique?

Situação 6

- (1) Qual é a duração do exame de linguística?
- (2) Quanto tempo dura o exame de linguística?
- (3) Durará quanto tempo o exame de linguística?

Situação 7

- (1) Onde é que passas as férias?
- (2) Onde passas as férias?
- (3) Onde tem passado as férias?
- (4) Aonde passas as férias?

Situação 8

- (1) Que actividades pratica durante o dia?
- (2) Quais actividades pratica durante o dia?
- (3) Que tipo de actividades praticas durante o dia?

Situação 9

- (1) Quem foi que ligou?
- (2) Com quem falaste ao telefone?
- (3) Quem te telefonou?
- (4) Quem é que te telefonou?

Situação 10

- (1) Em que dia viajas à Beira?
- (2) Quando é que viajas à Beira?
- (3) Quando que vais para Beira?
- (4) Quando vais à Beira?

3. Tarefas de juízo de gramaticalidade do PE

Indique o seu juízo de gramaticalidade relativamente às frases abaixo, marcando-as com “OK” (bem formada); “?” (pouco natural ou “duvidoso”) e “*” (inaceitável e agramatical).

Frases interrogativas	OK	?	*
1. a. Quem tossiu?			
b. Quem é que tossiu?			
c. Tossiu quem?			
d. Quem que tossiu?			
2. a. O que comeste ao almoço?			
b. Comeste o quê ao almoço?			
c. Ao almoço comeste o quê?			
d. O que é que comeste ao almoço?			
e. Que que comeste ao almoço?			
f. O que que comeste ao almoço?			
3. a. Quando vais à Beira?			
b. Vais quando à Beira?			
c. Vais à Beira quando?			
d. Quando é que vais à Beira?			
e. Quando que vais à Beira?			
4. a. O que estás a fazer?			
b. O que é que estás a fazer?			
c. Estás a fazer o quê?			
d. Que que estás a fazer?			
e. O que que estás a fazer?			
5. a. Quem chegou?			
b. Quem que chegou?			

c. Quem é que chegou?			
d. Chegou quem?			
6. a. Onde é que o João esteve na noite passada?			
b. Onde que o João esteve na noite passada?			
c. Onde o João esteve na noite passada?			
d. Onde esteve o João na noite passada?			
7. a. O que os miúdos fizeram?			
b. Fizeram o quê os miúdos?			
c. Os miúdos fizeram o quê?			
d. O que que fizeram os miúdos?			
e. Que que fizeram o quê?			
f. O que é que os miúdos fizeram?			
8. a. Perguntei que os miúdos fizeram.			
b. Perguntei que é que os miúdos fizeram.			
c. Perguntei o quê os miúdos fizeram.			
d. Perguntei o que é que os miúdos fizeram.			
9. a. A quem deste o livro?			
b. Deste a quem o livro?			
c. Deste o livro a quem?			
d. A quem é que deste o livro?			
10. a. Não sei que a Maria comprou.			
b. Não sei que comprou a Maria.			
c. Não sei o que comprou a Maria.			
d. Não sei o que é que a Maria comprou.			
e. Não sei o que é que comprou a Maria.			

3.1. Resultados da tarefa de juízos de gramaticalidade (%)

Juízo	P1a	P1b	P1c	P1d	P2a	P2b	P2c	P2d	P2e	P2f
Gramaticalidade										
Gramatical	70.1	41.4	2.3	4.6	81.6	18.4	18.4	43.7	3.4	6.9
Duvidoso	27.6	55.2	11.5	34.5	14.9	72.4	51.7	41.4	9.2	17.2
Agramatical	2.3	3.4	86.2	60.9	3.4	9.2	29.9	14.9	87.4	75.9
Juízo	P3a	P3b	P3c	P3d	P3e	P5a	P5b	P5c	P5d	P6a
Gramaticalidade										
Gramatical	54.0	21.8	14.9	87.4	2.3	81.6	6.9	65.5	6.9	86.2
Duvidoso	27.6	62.1	46.0	10.3	27.6	13.8	33.3	28.7	29.9	11.5
Agramatical	18.4	16.1	39.1	2.3	70.1	4.6	59.8	5.7	63.2	2.3
Juízo	P6b	P6c	P6d	P7a	P7b	P7c	P7d	P7e	P7f	P8a
Gramaticalidade										
Gramatical	5.7	43.7	66.7	58.6	29.9	36.8	9.2	4.6	66.7	11.5
Duvidoso	35.6	41.4	25.3	34.5	52.9	43.7	19.5	11.5	29.9	28.7
Agramatical	58.6	14.9	8.0	6.9	17.2	19.5	71.3	83.9	3.4	59.8
Juízo	P8b	P8c	P8d	P9a	P9b	P9c	P9d			
Gramaticalidade										
Gramatical	10.3	48.3	71.3	78.2	41.4	28.7	44.8			
Duvidoso	52,9	27,6	23.0	14.9	46.0	44.8	31.0			
Agramatical	36,8	24,1	5.7	6.9	12.6	26.4	24.1			